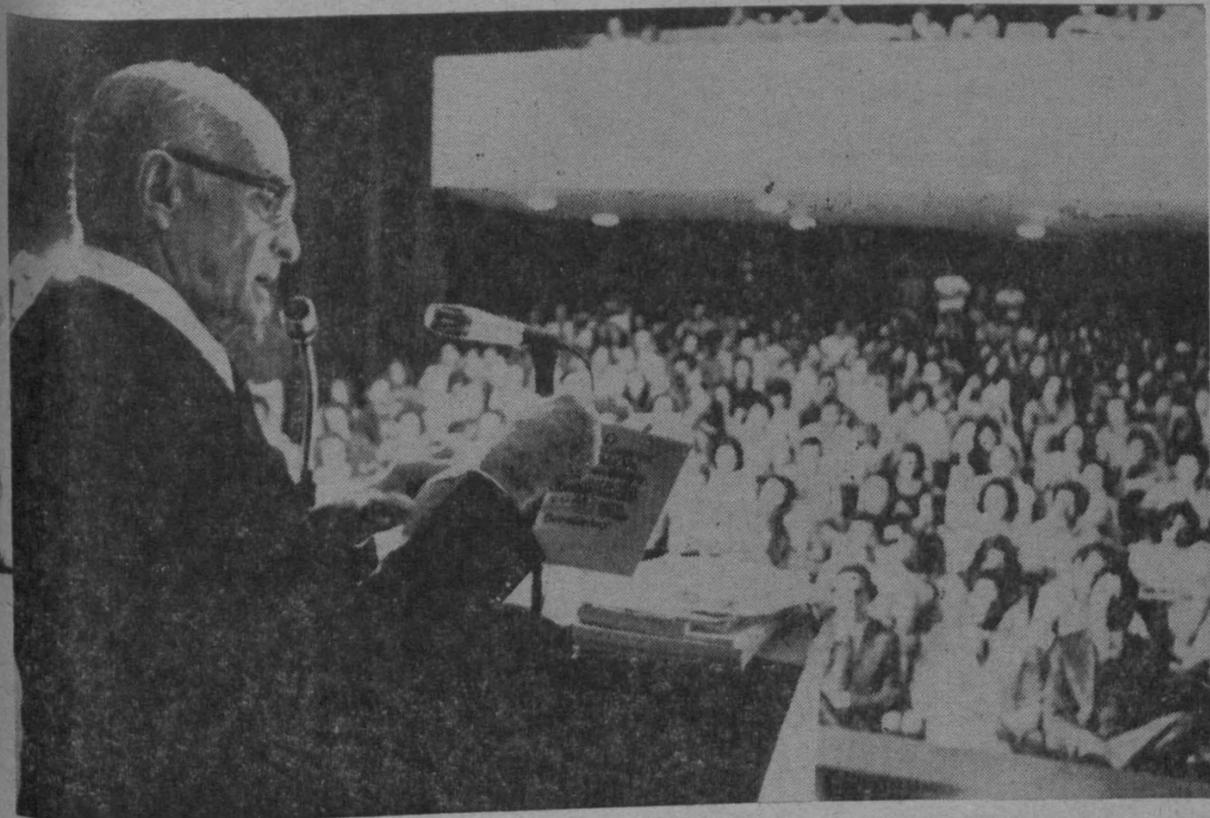




O ensino necessita de mudanças em toda a sua estrutura



Mudanças fundamentais nos programas educacionais, todas elas voltadas para a prioridade ao ensino de 1.º Grau (antigo ensino primário) — são defendidas pelo Senador João Calmon, que vê graves distorções no sistema atual, segundo o qual, a maior parte dos recursos e esforços é empregada no ensino de 3.º Grau (ensino universitário).

O parlamentar capixaba faz restrições a essa inversão, ao mesmo tempo que afirma estar o Programa de Alfabetização do Mobral raiado de erros, de vez que é impossível alfabetizar-se uma pessoa no curto espaço de apenas cinco meses até um ano. Ele acha um absurdo que o MEC destine 60 por cento do seu orçamento para o ensino de 3.º Grau, enquanto o de 1.º Grau fica com a baixa dotação de apenas 13 por cento, quando deveria ocorrer exatamente o contrário.

A música, além de arte e cultura, é também integração



O Departamento de Extensão Cultural resalta a um elemento importante, para atingir os objetivos do programa de Integração Universidade-Comunidade: a música, desde os seus primórdios e variações através dos tempos e das diversas culturas, bem como a história dos instrumentos, como a flauta doce, por exemplo. Conta atualmente com Coral, Jorral e Conjuntos Instrumental de Câmara.

Preço Cr\$ 2,00

Recorre a experiência, nem sempre recomendável, em favor da honra que fazem os batidores do ritmo profissional em Pernambuco, principalmente nos momentos em que se vivem crises. Apesar da experiência, a essa altura, constitui o primeiro e último momento de referência, a menos que a música ainda pertenciam ao rigor, os d'isso e não d'isso, a-tu-que, pessoais e outros a-mérica.

Em convênio com instituições de outros países, Universidades brasileiras vêm promovendo o aperfeiçoamento de seu corpo docente no Exterior. Tal esforço decorre da política do Ministério da Educação e Cultura, voltada para a elevação do nível do ensino, o que só é possível através da qualificação dos Professores, em permanente planta.

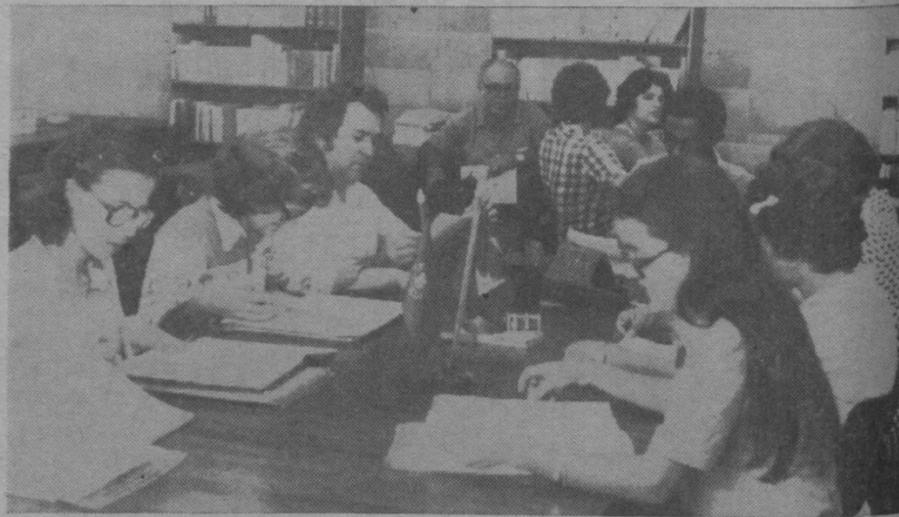
Intelectual, humanista e orador de qualidades únicas, o Professor Paulo Macedo acaba de ser convocado, por unanimidade, para ocupar a Cátedra que pertencerá ao teólogo Waldemar de Oliveira, na Academia Pernambucana de Letras. É o primeiro Rector a ter ingresso naquela instituição. Sua posse deverá ocorrer ainda este ano.

Toda problemática sobre o divórcio, na opinião do sociólogo Roberto Aguiar, resume-se no seguinte: "A verdadeira questão não é mais de ordem estritamente ética. É de natureza jurídica, e diz respeito, diretamente, ao caráter normativo que as normas jurídicas possuem. Não basta, pois, que se postule uma legislação divorcista, a não ser que ela de fato já existe".

O pesquisador José de Melo, da equipe do Professor Osvaldo Gonçalves de Lima, afirma que os antibióticos já conhecidos, bem como seus derivados e as novas espécies químicas do mesmo grupo, comparados a seu reclamados para a segurança da saúde humana, considerando as possibilidades de adaptação sempre presente nos seres vivos.

Revive, o Padre Peçoni Pedro, a memória e a paisagem dos amigos e inimigos pernambucanos em livro que acaba de publicar. Enquanto isso, o estudante de Letras Paulo Frenkel faz um estudo sobre o poema "Camões" do livro "Nordestinados", de Marcus Accioly. Também no Caderno Literário há matérias sobre Beethoven (150 anos pós-nascimento) e Hermann Hesse (100 de nascimento).

Seminário de verão, sem ajuda, continua parado



No Centro de Artes e Comunicação da UFPE existe uma biblioteca especializada em assuntos portugueses constituída, através dos últimos vinte anos, por donativos. Iniciada pelo Professor Jordão Emerenciano (já falecido) foi se enriquecendo enquanto, simultaneamente, funcionava na velha Faculdade de Filosofia e Letras a Associação de Estudos Portugueses. Entre os doadores dos livros figuraram, desde logo, algumas instituições portuguesas que ainda hoje se fazem presentes com a remessa constante de material de cultura — não só livros, como também mapas, revistas e discos.

O aumento do acervo deu ao Professor Emerenciano e seus assistentes a idéia de organizarem seminários de estudos todos os anos. Ao todo, chegaram a ser reunidos 32, dos quais a metade intitulada "de Verão" e a outra parte "dos Estudantes". Sempre pelas alturas de Outubro ou Novembro realizavam-se os primeiros, constituídos de

professores e escritores especialmente convidados vieram à UFPE, de outros centros brasileiros e mesmo de Portugal, como Soares Amora, Massaud Moisés, Nely Novaes Coelho, Segismundo Spina (de São Paulo) Leodegário Azevedo Filho, Cleonice Berardinelli (Rio) Benedito Nunes (Pará) Hélio Simões (Bahia) Carlos d'Alge (Fortaleza) Juarez Batista (João Pessoa) Hermani Cidade, Maria de Lourdes Belchior Pontes, João Gaspar Simões e outros, de Lisboa.

Quando aos Seminários dos Estudantes prolongavam-se pelo ano inteiro, com um tema escolhido em Março e desenvolvido até Novembro, sob a direção do então catedrático ou dos seus assistentes. Os principais ensaios eram impressos em mimeografia (assim como as conferências dos Seminários de Verão) e distribuídos aos seus autores e instituições culturais. A biblioteca da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano dispõe ainda desse documentário.

Destino dos Seminários

Nos últimos quatro anos não houve Seminário de Verão e os dos Estudantes deixaram de ser impressos. O JORNAL UNIVERSITÁRIO procurou se inteirar dos motivos que causaram a interrupção de trabalhos tão úteis à formação dos professores de língua e literatura.

Entrevistado a respeito, o Professor Joel Pontes, atual presidente da Associação, explicou que a contenção de despesas tem impedido a Universidade de concorrer com a quantia necessária aos pagamentos de passagens, hospedagens e cachês. Sem essa ajuda o nível dos Seminários de Verão cairia bastante, porque só a presença dos Professores locais (que se responsabilizavam sempre por metade das conferências) não seria suficiente para o diálogo de experiências, para o vivo debate que tanto atraiu estudantes e escritores à Associação.

Cessada a contribuição da Universidade em 1973, o presidente da Associação espera que seja restaurada pelo Reitor Paulo Maciel ainda este ano de modo a não se estender por mais tempo o espaço, já incômodo, entre o último seminário e o próximo futuro.

Quanto ao Seminário de Estudantes, continua existindo, embora sem o estímulo da publicação pelo mesmo motivo: falta de verbas. O de 1976, sobre o neo-realismo em Portugal, foi, por sinal, dos melhores, embora não documentado.

Outras atividades

Sempre foi pensamento dos diretores da Associação diversificar suas atividades, não só no campo cultural como no social. Várias exposições de livros foram realizadas no passado ao ensejo da chegada de doativos consideráveis, capazes de justificar a promoção. Em 1974 realizou-se a última, composta de obras doadas pela Fundação

Gulbenkian, Instituto de Alta Cultura e Arquivo Histórico Ultramarino. Por coincidência, veio ao Recife na ocasião o ministro da Educação de Portugal, Dr. Veiga Simão, que inaugurou a Exposição.

Também foi realizada uma Exposição-Concurso de Fotografias, intitulada "Presença de Portugal no Nordeste do Brasil", tendo mais de quarenta concorrentes das principais cidades nordestinas, de São Luís a Salvador, sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Quanto a festas, havia, todos os anos, um Jantar Português, oferecido pela comunidade portuguesa do Recife aos estudantes da UFPE, ao ar livre, no campus, e um baile do tipo "Encontro de Brotos", no Clube Português.

Sempre o mesmo motivo

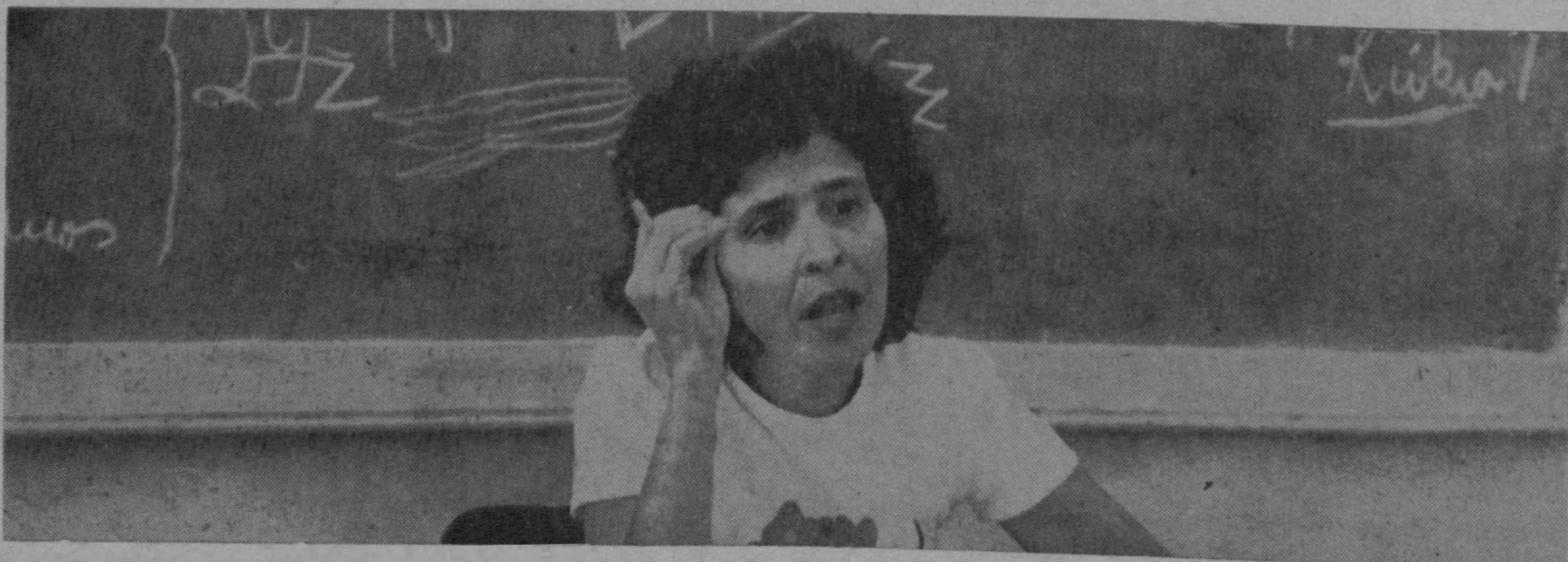
Os bailes ainda persistem, explicou o Professor Joel Pontes, por gentileza

do Clube Português, os jantares, porém, como a subvenção mensal que a Comunidade oferecia à Associação, cessaram tão logo se processou a imigração dos angolanos para o Brasil. Durante muitos anos essa subvenção existiu, modesta e inalterável em seu valor, apesar da inflação. Apesar disso, era suficiente para a manutenção da biblioteca, ou seja para o pagamento a uma bibliotecária e a um servente.

A bibliotecária foi despedida e o servente o será em breve por falta de até essa pequena ajuda.

Apesar de lutar com tanta circunstância adversa, a Associação continua a merecer o prestígio de instituições portuguesas e brasileiras, tanto que já tem prometida uma vultosa doação de livros pela Fundação Calouste Gulbenkian, e, possivelmente ainda este ano, organizará uma Exposição desse material em ocasião festiva a ser presidida conjuntamente pelo Reitor e Cônsul de Portugal no Nordeste.

Ensino da língua conduz à reflexão e à inferência



Professora Myrtha explica vantagens da redação nos vestibulares

A capacidade de refletir, de questionar, de relacionar, de criticar e de fazer inferências, desenvolver este processo mental como um todo, eis, a meu ver, o principal objetivo, aliás o único a atingir-se no ensino da língua, no desenvolvimento do aluno, capacitando-o a redigir corretamente o seu pensamento.

Assim expressou-se Myrtha Magalhães de Carvalho, Professora de Prática de Português e Literatura do Colégio de Aplicação da Universidade Federal

de Pernambuco, quando questionada a respeito da prova de redação no vestibular do próximo ano.

O Primeiro Passo

A nosso ver — frisou — o primeiro passo é a mentalização do professorado, pois o importante do problema é o bom desenvolvimento de um currículo racional e jamais ensinar "bizus" ou fazer decorar fórmulas de redação.

Claro que o aluno deve ser adestrado a refletir com

as palavras, na sua adequação e relacionamento. Na delimitação do tema a ser desenvolvido tendo em vista o que se quer expressar. Isto não é fácil, numa língua complexa como é a nossa, com a linguagem cifrada e mínima a que a juventude se habituou a usar: "legal", "joinha", ou um simples levantar ou baixar de polegar.

Com base em Pesquisas

Professores, colegas nossos, fizeram pesquisas junto aos empresários vi-

sando a colocar estudantes em estágios, adestrando-os a trabalhar com máquinas. O que eles colheram de positivo, como resposta dos empresários, foi que eles afirmaram ser muito mais fácil treinar uma pessoa de cultura geral do que o aluno dos cursos profissionalizantes desprovidos de uma bagagem em português, matemática e ciências, de modo geral.

O portador de conhecimentos básicos, sobretudo em matemática e na língua nacional, aprendem muito mais rapidamente, dis-

seram. A realidade é contundente, nos dá em que refletir, pois nos sentimos responsáveis pelo número crescente de alunos, que têm no vestibular a única opção. As vagas aumentam em progressão aritmética e o número de candidatos em geométrica.

O Subjetivismo na Correção

Afirma-se que o maior entrave nas provas de redação encontra-se na correção, pois os professores estão sujeitos ao subjetivismo (simpatia ou antipa-

tia), cansaço, humor modificado, etc. Indagamos o parecer de Myrtha. Ela reconhece esses entraves, mas acha que eles não devem constituir-se em barreiras intransponíveis, pois em casos de correção de provas individuais, há que serem organizadas, previamente, o que costumam chamar-se de "chaves de correção" com pesos relacionados, fugindo-se assim, tanto quanto possível, do subjetivismo. Essas chaves passam a servir de roteiro a todos os professores que se envolverem na correção.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Lafayette Bezerra
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Angelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

O GRANDE JÚRI

Vem a Televisão Universitária Canal-11, de há muito, oferecendo uma opção aos telespectadores mais exigentes, notadamente em matéria de nível cultural: o Programa o Grande Júri, sob a coordenação do dr. Walter Rosa Borges, igualmente o seu idealizador. Inicialmente levado ao ar às sextas-feiras, agora é aos sábados, a partir das 21 e 30 horas, mudança que veio, certamente, atender à expectativa da maioria dos seus telespectadores.

Trata-se, indubitavelmente, de uma boa opção, posto que a Coordenação do Programa tem sabido escolher com acerto os temas e respectivos debatedores. Impõe-se o Grande Júri como grande contribuição no que concerne ser uma tribuna de debate e análise de temas relevantes, de interesse da comunidade pernambucana, mormente a universitária — a par do seu elevado nível, encaixando-se por isso mesmo dentro das perspectivas de uma televisão verdadeiramente educativa.

Dizer-se, aliás televisão educativa, parece redundância, pois, a rigor, todo canal de televisão deve ser concebido como tal, sob pena de desviar-se dos seus reais objetivos. Infelizmente, no Brasil ocorre exatamente o contrário. A maioria das televisões — para não dizer quase todas — pouco ou quase nada contribui para melhorar o nível educacional do povo. Muito pelo contrário, deseducam, disseminam a violência, mantêm programas de baixo nível, proliferam as tentadoras novelas, etc.

Fazer jogadas mirabolantes, de forma a bater o concorrente, caminho pelo o qual se atraem os grandes patrocinadores — consiste no faturamento o grande sonho e conquista desses canais de comunicação social — eis o que importa, mesmo que tal procedimento implique, como de fato implica, no baixo nível e mau gosto da maioria dos programas. O que afasta dos vídeos considerável parcela da população — os que conseguiram atingir certo nível cultural. Entre estes, estão os assíduos telespectadores do Canal-11, principalmente os do Grande Júri. Ficam, mesmo assim, restritos a essa única opção.

Assim é que programas como o Grande Júri merecem apoio e aplausos de todos. Não tem o dr. Walter Rosa Borges medido esforços no sentido de focalizar temas relevantes e reunir, em torno deles, nomes de destaque, em todos os setores do conhecimento e atividades, quer de Pernambuco, quer de outros Estados da Federação. Embora relacione também assuntos de caráter técnico, científico, religioso e até mesmo filosófico, grande parte dos temas discutidos pelo Grande Júri pode ser assimilado pelo público em geral — e para isto os debates e informações são conduzidos em linguagem acessível, dentro mesmo dos padrões que caracterizam um canal de comunicação social.

Mesmo assim, mantém-se o princípio de fazer com que o telespectador menos esclarecido, ou menos preparado nesse ou naquele assunto, ascenda ao nível do Programa, e não ao contrário, o que conflitaria com os objetivos que devem nortear os programas e metas dos veículos de comunicação social, principalmente os chamados, segundo Marshall McLuhan, "canais frios". E a televisão está incluída nessa relação, na concepção mcluhana.

Tem reunido o Grande Júri professores, estudantes, dirigentes universitários, técnicos, cientistas, autoridades governamentais. Cada um oferecendo sua contribuição pessoal, quer no esclarecimento, quer manifestando pontos de vista acerca de assuntos de interesse geral. Para se ter uma idéia, ultimamente, temas como divórcio, enchentes do Capibaribe, segurança do trabalho, entre outros, foram levados à tribuna do Grande Júri, suscitando debates empolgantes. Sob a coordenação segura e inteligente — e por que não dizer versátil — do dr. Walter Rosa Borges.

Serve, portanto, de exemplo, para que os responsáveis pelos canais de televisão procurem, na medida do possível — e isto é possível — melhorar o nível dos programas. Enganam-se os que pensam ser o povo brasileiro um povo de mau gosto em matéria de televisão. É como dizem: macaco só gosta de banana porque só lhe dão banana...

Centro cria serviço para promover o intercâmbio

Desde o último dia vinte e sete de abril, o Centro de Filosofia e Ciências Humanas conta com um Serviço de Intercâmbio Interdepartamental. O SERVINTER, que foi instalado pelo Professor Paulo Miranda, Diretor do Centro, tem por finalidade promover o intercâmbio científico e cultural entre os vários Departamentos integrantes do CFCH.

Através de conferências, seminários, painéis, debates e publicações, o SERVINTER procurará possibilitar aos Professores e alu-

nos do CFCH uma visão de conjunto, do que os pesquisadores, individualmente, vêm realizando no âmbito de cada Departamento. Além disto, promoverá a discussão de temas relevantes — científicos, culturais, artísticos, políticos, etc.

O SERVINTER já promoveu um Painel sobre o Controle da Natalidade.

Uma série de conferências sobre As Ciências Humanas no Re-

cife está programada para o segundo semestre, deste ano. Cada conferência será realizada mensalmente e o conferencista contará com um comentador. As conferências e os comentários serão publicados. A série será iniciada com a conferência A Psicologia no Recife e encerrada com A Filosofia no Recife. Serão pronunciadas ainda conferências sobre a Antropologia no Recife, A Sociologia no Recife, A História no Recife e a Geografia no Recife.

Perspectiva

Divórcio, um fato social

ROBERTO AGUIAR

Raríssimo é o tema que, posto em discussão. A Igreja, resta conquistar os crentes são, não possuam vinculações políticas. O debate sobre o divórcio não foge à regra. Sua inclusão entre os assuntos em pauta no Congresso, neste momento, tem Inegáveis vínculos e conveniências políticas. Entretanto, isto não impede que o problema deva ser examinado e discutido com seriedade e com isenção de ânimos, exigido pela própria gravidade do assunto.

Creio ser incontestável o fato de que o Direito, além de ser um reflexo da sociedade em que vigora, se constitui numa das orientações fundamentais das ações sociais. Isto é, relativamente ao divórcio, creio que seja tão urgente uma legislação que possibilite uma verdadeira solução jurídica para milhares e milhares de casais brasileiros, constituídos ou dissolvidos à margem da Lei, como também, que seja indispensável que esta legislação venha provida da qualidade fundamental de servir de modelo, de orientação, para a constituição da família. Este duplo aspecto do Direito — o de refletir a situação histórica de onde emerge e, simultaneamente, de servir como modelador de ações sociais — parece ser o modo próprio pelo qual a Lei se adequa à realidade. Ou seja, ao tempo que vigora de fato — como uma prática coletiva — serve de padrão ético, também, aspirado de modo coletivo.

Divórcio, no Brasil, não é mais uma questão para debate. É um fato. Com a Lei ou sem ela, ele já existe. Anômala e grotescamente no ordenamento jurídico — veja-se, por exemplo, a incongruência dos diplomas legais a protegerem o que o Direito denomina de concubinato — e, desorientadamente, como uma prática rotineira, nas várias camadas sociais. A verdadeira questão não é mais de ordem estritamente ética. É de natureza jurídica, e diz respeito, diretamente, ao caráter modelador que as normas jurídicas possuem. Não basta, pois, que se possibilite uma legislação divorcista, ao país, porque ela de fato já existe. O fundamental é que esta legislação seja capaz de enfrentar a difícil crise pela qual passa a estrutura familiar brasileira e, possibilitando o direito a seguidas núpcias, não perca de vista o papel de estabilizador das relações sociais, que é próprio do Direito. Isto é, para ser genuinamente jurídica, a legislação divorcista terá que ser, abrangentemente, uma legislação sobre o casamento.

A questão religiosa da indissolubilidade do casamento deve ser tida em conta — e em freqüentemente, apontada como um dos fatores alta conta — no seu devido lugar. A indissolubilidade do matrimônio é algo indiscutível para o de fé católica e de algumas outras fés cristãs. O Estado, porém, não pode impor ao seu povo, mesmo que fosse a uma minoria, uma fé religiosa, a não ser que suporte a contradição de sustentar, na sua Lei Maior, a liberdade de crença religiosa, política, etc., ao tempo que por legislação divorcista será, apenas, mais um elemento. Além, é claro, de, caso assim proceda, ploma vazio e caótico, como a maioria das submetidas ao ordenamento público, jurídica e politicamente, a critérios e ordenamentos eclesias-

É Inegável que a ênfase católica na indissolubilidade do casamento tem repercussões sociais. E isto é especialmente verdadeiro, caso se leve em conta o papel ético desta norma. Traria uma maior estabilidade nas relações matrimoniais. Traria, no condicional, porque as condições fáticas são outras, a despeito do incansável trabalho desenvolvido pela Igreja Católica e por outras Igrejas cristãs. Ou seja, as forças que, atualmente, pressionam o casamento e a família, fazendo com que eles mudem os seus modos tradicionais de existência, têm sido mais poderosas do que o ideal católico de casamento. E, além disto, não nos esqueçamos de que a Igreja nem sempre condenou o divórcio.

O ponto fundamental da questão, pois não está nas discussões a respeito do padrão ético de casamento que foi desrespeitado pela prática coletiva, como mostra o crescente número de segundos casamentos realizados no Brasil. Mas, sim, na discussão de como prover as relações matrimoniais de um novo padrão ético, que inclua a possibilidade do divórcio, mas que não traia as conquistas realizadas pela tradição, relativamente à estabilidade do casamento. A questão fática é desafiadora para juristas e legisladores: a população brasileira, numa proporção cada vez maior e a despeito da Lei e da Tradição, vem praticando o divórcio de um modo indiscriminado. No plano ético, portanto, a população já aceitou, como legítima, a constituição de um novo lar, por parte de desquitados ou separados. O que se impõe ao Direito é transformar esta nova norma ética e, mesmo esta prática costumeira, num padrão jurídico. Desta tarefa muito depende a estabilidade das relações familiares brasileiras. É preciso preservar a estabilidade matrimonial, — coisa aliás que a Tradição tem cuidado — mas, é necessário, também, enfrentar a nova situação que é a aceitação e prática do divórcio, pelos brasileiros.

Para que seja enfrentada, em sua totalidade, a questão deverá abranger não apenas prazos e condições para o divórcio, mas também, prazos e condições para o casamento. Não é possível que coisas como a idade para casar fiquem, ainda, som uma regulamentação mais aprofundada, já que a imaturidade dos nubentes é, tão freqüentemente, apontada como um dos fatores de dissolução matrimonial. E, mesmo relativamente à concepção do divórcio, a Lei, para que possa ser modeladora e estável, terá de considerar fatores outros, além dos formais. As razões, os motivos, as causas do divórcio — de natureza psicológica, sociológica, antropológica e, até mesmo, econômica — têm de ser arrolados por legisladores e juristas, caso contrário a legislação divorcista será, apenas, mais um elemento. Além, é claro, de, caso assim proceda, ploma vazio e caótico, como a maioria das submetidas ao ordenamento público, jurídica e politicamente, a critérios e ordenamentos eclesias-

ordenamento jurídico.

DISSERTAÇÕES: CAMINHADA PELA ELEVÇÃO DO NÍVEL DO ENSINO

No Brasil, teses universitárias constituem boas razões para um certo júbilo, pois significam, entre outras coisas, que as instituições brasileiras de ensino superior têm interesse em promover estudos de alta qualidade. Ao mesmo tempo em que, com semelhantes gestos, acentuam a esperança num futuro mais promissor.

Não se pode negar, porém, a crise, ou o impasse, em que se encontra a Universidade no Brasil. As verbas são, para certas regiões (como o Nordeste), mais curtas, ainda vigora um certo elitismo que, combatido com sinceridade nos últimos tempos, não foi de todo extirpado, e há quem, com certa razão, fale em má qualidade do ensino. Ora, tais

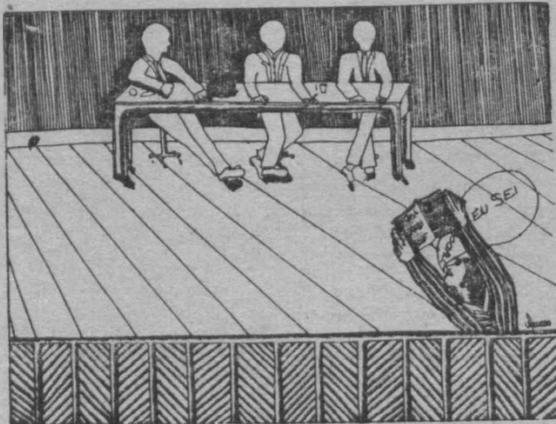
deficiências não são apanágio única e exclusivamente do Brasil, mas de todo e qualquer país em fase de desenvolvimento.

Mas nenhuma espécie de desen-

volvimento se consegue sem sacrifícios — é o que costumam dizer as autoridades. E o universitário brasileiro, em sua maioria, sabe perfeitamente que isso é verdade. E colabo-

ra, o que é importante, estudando e confeccionando suas teses, dissertações, pesquisas. E trabalhos dessa natureza têm sido uma constante em nossas universidades.

Na Universidade Federal de Pernambuco, os professores do Mestrado em História julgaram e aprovaram, agora em maio, três instigantes estudos sobre variados assuntos, o primeiro deles, de autoria de Douglas Apratto Tenório, versando em torno de ferrovias alagoanas, o segundo, de Maria Martha Pimentel, sobre o sincretismo nos mitos egípcios, e o terceiro, assinado por Luiz Nascimento, contendo algumas considerações sobre tentativas de colonização agrícola de nacionais em duas cidades nordestinas.



Explicando os Mitos

Maria Martha Pimentel, aprovada plenamente, foi arguida pelos professores Ariano Suassuna, Roberto Amorim e Gabriela Martim. Professora da Universidade Federal da Paraíba, Martha Pimentel pretendeu, com o seu *O Sincretismo na Mitologia Egípcia*, levar a cabo um estudo no qual os mitos são encarados como ponto de referência religioso. Confere-se grande importância ao mito religioso, e é sintomática, a este respeito, uma frase de Jung, que Martha Pimentel coloca como epígrafe do seu trabalho: "O mito religioso é, indiscutivelmente, uma das mais grandiosas e importantes instituições humanas". Transcrevemos, aqui, a parte final de *O Sincretismo na Mitologia Egípcia*:

"A civilização egípcia é das mais antigas. Há cerca de quatro mil anos antes de nossa era, a população existente no vale do Nilo luta para superar as dificuldades de sobrevivência num insano trabalho de dominação do meio ambiente. São séculos e séculos, gerações e gerações que transmitiram suas experiências e reflexões, numa lenta e gradativa acumulação cultural.

O rio Nilo, cortando o país de Sul a Norte, significa a única esperança de vida, com o poder criativo e ao mesmo tem-

po, destruidor, de suas cheias. A demarcação das terras, após as inundações anuais, exigia a presença do agrimensor e profundos conhecimentos de geometria, o que levou os egípcios a cedo se aprimorarem neste mister, e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do campo científico.

A evolução religiosa acompanha a política, tornando nítidas as diversas fases de sua evolução. O estudo da religião nos conduz à primitiva organização tribal, quando a região se encontrava dividida em pequenas circunscrições territoriais hoje denominadas nomos, cada uma com o seu deus local. Aí encontramos a presença de vestígios totêmicos, herança de clãs nômades que recentemente se tinham fixado ao solo.

A cada tentativa de unificação política, quando uma cidade exercia a dominação sobre as demais, logo se impunha a adoração do totem local às demais povoações dominadas, e passava o deus principal da nova cidade líder a ser cultuado pelos habitantes da cidade vizinha, implicando, tal fato, numa aceitação implícita de soberania política. E as próprias dificuldades surgidas nas tentativas para dominar o meio constituíam convite à união, com as vantagens proporcionadas pela exe-

cução de um trabalho coletivo. Assim, desde época muito antiga, os deuses se vão agrupando em duas classes: deuses locais — animal, árvore e montanha — e realidades cósmicas — céu, terras, astros e Nilo. O Nilo e o Sol eram objeto da veneração de todos. Como escreveu Frankfort, constituem 'as duas características principais do Egito: o triunfante renascimento diário do sol e o vitorioso renascimento anual do rio'.

Por ocasião da formação dos dois reinos, observa-se uma mudança na vida religiosa: são elevados à condição de deuses Supremos Hórus no Baixo Egito e Seth no Alto Egito, ou seja, ao sul. A região do Delta e a do longo vale do Nilo encontram-se separadas, de fato, pelas necessidades peculiares a cada região. Esta divisão geográfica e política é seguida na religião. Devemos ter sempre presente que os deuses locais foram, na maioria das vezes, conservados. Aceitava-se o novo deus, com a continuação, porém, do antigo culto local. A concepção religiosa dos egípcios permitia esta tolerância para com as cidades vencedoras, e como nem sempre o deus primitivo era absorvido pela nova divindade instalada, era comum, também, o sincretismo dos dois cultos.

Construindo trilhos

Douglas Apratto Tenório é professor da Universidade Federal de Alagoas. Seu trabalho, aprovado com distinção (10, 10 e 10) pelos professores Armando Souto Maior, Marc Hoffnagel — de origem norte-americana — e Carlos Osório de Cerqueira, trata da implantação do transporte ferroviário nas Alagoas durante o período imperial e até o alvorecer do período republicano. Transcrevemos um fragmento do estudo *As Ferrovias em Alagoas*, IV capítulo, intitulado "O Nordeste e os Caminhos de Ferro".

"A gênese das estradas de ferro no Nordeste é a mesma do Brasil, ou quase a mesma: 'a anta rompia trilhas dentro da mata, o índio em seu encaixo, abria a picada; o português, com seus carneiros, alargava-a; de raro em raro, um carro de boi seguia o colono e abria, com suas rodas constantes, dois sulcos paralelos a que chamavam caminho; mais tarde no século XIX, o progresso estendeu suas fitas de aço ao longo dos principais caminhos' (Estevão Pinto).

Antes do aparecimento dos trens de ferro e das estradas de rodagem, as viagens menos curtas eram verdadeiras viagens crucis. Exigiam preparativos especiais, tais como escolha de guia, aquisição de animais,

preparo da munição de boca e abastecimento das armas, prevenindo contra salteadores e animais selvagens, etc. Os meios de condução eram lentos e não muito variados. Se na região sul a preferência era pelos mares, aqui no Nordeste, se empregavam mais cavalos. Outros meios de transportes terrestres eram os carros de boi e as redes ou tipóias. No transporte de mercadorias, utilizavam-se as boladas, os comboios de escravos e as tropas. A ligação dos centros de produção do interior com os portos de embarque da costa atlântica era feita frequentemente por meio de transporte fluvial.

"Quando ainda não havia caminho de ferro nem estrada de rodagem; quando o carro de bois, gemendo os cacões, era o veículo preferido para o transporte de cargas em terreno pouco acidentado; quando os caminhos nada mais eram do que espaços naturais entre as árvores ou não passavam das trilhas abertas pelos carregadores e pelas patas da gadoaria; quando uma população escassa pulverizava-se numa base física de imensas proporções; quando os núcleos de ocupação se perdiam na vastidão da hinterlândia, foi a tropa de animais, silenciosa e heróica, varando sertões, atravessando rodovias, rasgando matas, vadeando rios, galgando pa-

redões escarpados, equilibrando-se em abruptos declives, que assegurou e manteve a circulação de produtos e mercadorias, canalizando vida e civilização para os grupos humanos que se haviam enfunado pelo Brasil adentro' (José Alípio Goulart).

A povoação da região, após o séc. XVI, principalmente em função da exportação do açúcar para a Europa, determinou que a população se fixasse, inicialmente, na parte litorânea, cujos canaviais e engenhos se concentravam nas proximidades das várzeas dos chamados rios-de-açúcar. As condições de clima, solo, proximidade da Europa e a existência de portos naturais explicam o fato.

Vencida a resistência indígena no litoral da mata, a penetração para o interior veio em seguida, sendo efetuada na esteira da arrancada da pecuária, fortemente estimulada para prover de carne e de animais de trabalho a área do açúcar. Já razoavelmente povoada. Como os animais se autotransportavam, não houve, durante muito tempo do período colonial, a preocupação de se construir estradas do litoral para o interior. Os núcleos de população mais significativos continuavam estabelecidos não muito longe da costa, arranhando-a como caranguejos, como diria Frei Vicente Salvador, cronista da época".

Analisando a dependência

Luiz Nascimento é alagoano, mas está radicado em Pernambuco. O título da sua tese é: *Considerações Histórico-Econômicas Acerca das Tentativas de Colonização Agrícola de Nacionais, em Pimentelas (PE) e Leopoldina (AL)*. Foi arguido pelos professores Armando Souto Maior, Henrique Levy e Bonifácio Andrade, que lhe atribuíram notas 8, 8 e 10. Segue-se um fragmento da terceira parte do trabalho de Luiz Nascimento:

"Como tínhamos visto antes, as relações de dependência nem sempre são explícitas a partir de variáveis tipicamente econômicas, havendo, portanto, toda uma gama de valores outros, a partir dos quais teríamos uma imagem da influência ou determinação do fenômeno e dos efeitos representativos deste fato, entre elas toda mudança nos hábitos e nos costumes urbanos na província da época. Houve, entre outros valores, toda uma farmacopéia inglesa de drogas, cosméticos e remédios (servindo geralmente para várias enfermidades, tais como a febre amarela, tifo, peste bubônica, menstruação difícil, anemias, irregularidades digestivas, supurações pútridas, calos, câibras, cancros, cortaduras, flétulas, escórfulas, etc.), ao lado de mobílias, porcelana, lavatórios, latrinas, perfumes, mantelgas e outros produtos. Por isso, não nos é estranho a permanência da designação de alguns produtos conhecidos, como queijo, presunto britânico, mostarda inglesa,

molho inglês, cerveja inglesa, batatas de Jersey, etc. Monóculos, bengalas e guarda-chuvas, junta-se ao hábito de dobrar na parte inferior das calças masculinas ou o de ajardinamento, prática de equitação, indo até ao que posteriormente veio a se chamar de maneira britânica de viver e divertir-se.

É evidente que, pelo menos dialeticamente, espere-se uma reação ou antítese a esse estado de ação com suas múltiplas influências naquela sociedade brasileira e, efetivamente, isso não deixou de ocorrer. A questão que se coloca na verdade é saber até que ponto as manifestações em antítese à dominação inglesa conseguiram sufocar ou reprimir tal existência dominante. As experiências realizadas por Mauá, os Prades; por P. Passos, Rebouças ou Tarquínios, como empresários da época (contemporaneamente ou não), têm um significado ampliado, quando eles nos mostram, em formas veladas ou não, de denúncias às pressões recebidas por sua luta contra uma situação sedimentada tal como coloca Graham: 'Uma das causas dos fracassos desses homens foi a oposição da sociedade tradicional. A despeito dos títulos nobiliárquicos concedidos a Mauá e a posição de protegido do imperador, desfrutada por André Rebouças, tornou-se evidente que a aristocracia não cooperava entusiasmamente em suas tentativas modernizantes'.

De qualquer forma restam alguns efeitos, enquanto nem sempre tenham ocorrido de forma deliberada, os quais devendo ser analisado dentro de um ângulo ótico bastante rígido, podem formar subsídios para tópicos não disfuncionais nas etapas de dominação Grã-Bretanha/Brasil. Um destes, seria os efeitos provocados pela influência da Igreja ou culto evangélico protestante o que provocou um elastecimento na rigidez do culto estritamente católico, primitivamente herdado por ocasião do domínio português-espanhol. Algumas correntes filosóficas (tais como o Spencerianismo e o Darwinismo), se colocariam também em anexo à questão da escravidão como fatores não disfuncionais ao processo das relações de dominação inglesa. Esta última, todavia, carece de todo um estudo sério e amplo a fim de se poder determinar em que medida concorreu a Inglaterra senão para extinguir a escravidão, pelo menos para apressar o seu término, malgrado algumas formas violentas utilizadas com frequência, de qualquer forma não nos propomos a procurar as possíveis enfuncionalidades do processo, como também cremos não ter dito todas as disfuncionalidades do mesmo, mas tão só colocar alguns exemplos à questão do fenômeno da dependência histórico-estrutural".

DEC



MÚSICA: da arte à comunicação

SÓ-RISO: do popular ao erudito

O Grupo SÓ-RISO, composto de cinco elementos, alguns estudantes da UFPE, sobrevive exclusivamente do seu trabalho de criação artística. Desde fins de 1975, ano de sua criação, o Mamulengo tem prestado serviços à Universidade, apresentando espetáculos na Reitoria e em Unidades de ensino, em promoções realizadas pelo DEC, junto às comunidades, em Pernambuco e noutros Estados.

"SÓ-RISO" teve como ponto de partida o mamulengo popular, do qual assimilou técnicas primitivas e essenciais, desenvolvendo para isso o trabalho de transfiguração, recriação e eruditização do Mamulengo, dentro do mesmo espírito de "brincadeira de teatro", através do qual se manifesta.

Cria, artesanalmente, todos os seus bonecos, que representam os mais marcantes e pitorescos personagens do vasto universo mítico-mágico da nossa cultura rural e urbana.



Dispõe-se a tornar o Mamulengo um elemento dinamizador da cultura na vida da comunidade, preservando, recriando e divulgando o nosso patrimônio artístico e cultural; ao mesmo tempo, realizar pesquisas sobre o Mamulengo em várias fontes populares na área nordestina, com a participação ativa dos estudantes.

Contribui o Grupo "SÓ-RISO" para garantir a continuidade do trabalho de criação de um teatro (de bonecos) erudito, de raízes populares, através de novas encenações e da pesquisa feita aos mamulengos populares ainda existentes. Desenvolve, assim, um trabalho cultural e educativo, atingindo o público em geral, particularmente a comunidade universitária.

Incentivos estendem-se ao cinema

Interessa-se também o DEC pelo desenvolvimento do cinema na Região. Como contribuição nesse sentido elaborou projeto para implantação de uma filмотeca, cuja importância documental é imprescindível à Universidade, de vez que ensinará o registro das nossas manifestações folclóricas, onde se captam a forma e o estilo de nossa cultura popular, através de um estudo detalhado sobre trajes, instrumentos e materiais empregados, etc.

Dentro do Projeto — Série de Paisagens Nordestinas —, os cineastas Fernando Spencer e Cláudio Aguiar, procuram fixar épocas culturais de nossa Região através das manifestações de

criatividade do seu povo e de suas várias formas de expressão artística.

O filme sonoro, por sua vez, ao registrar a voz, a melodia, o ritmo, a prosódia, o gesto, a expressão corporal, a forma, enfim, permitirá uma reprodução fiel das sutilezas do falar, do cantar e do dançar populares, tão distintos nas diversas regiões brasileiras, sendo por isso da maior importância ao estudo e interpretação da métrica dos modos folclóricos.

O primeiro filme — "A Casa de Farinha" —, produzido pelo DEC, encontra-se pronto e será lançado num "Circuito Universitário" e posteriormente nos principais cinemas da cidade.

Coral e Jogral, as vozes unidas

O Conjunto Instrumental de Câmara, incorporado ao DEC, vem realizando concertos a convite de entidades culturais, Igrejas, colégios, museus, já tendo inclusive se deslocado para algumas cidades do Interior pernambucano. É composto pelas Professoras Ilma de Abreu Lira e Dinara Helena Pessoa, da Escola de Música, e pelos estudantes Carlos Sampaio Ferreira (Engenharia Civil), Inês Demétrio de Barros (Música) e Margarida

Maria de Madureira Beça (Música).

Os objetivos do Conjunto: divulgar a flauta doce, bem como toda a literatura existente sobre o instrumento, desde a sua origem até a época de hoje; desenvolver o gosto musical dos estudantes e do público, ampliando os seus conhecimentos sobre a música instrumental e formas de sons das diversas épocas; atuar junto a grupos ligados a outros setores de atividades ar-

tístico-culturais, como corais, jograis e de danças.

Cumprido o Conjunto Instrumental de Câmara ampla programação estabelecida pelo DEC, desde as Unidades da UFPE até igrejas, museus, escolas de 1.º e 2.º graus e centros comunitários. Nos concertos, enfoca-se os períodos medieval e renascentista, barroco e contemporâneo, em forma de concertos-aula, ilustrando as diferentes fases da evolução da música.

Instrumento e som, uma história

Divulgar e estimular o gosto pela música erudita — é um dos objetivos do Conjunto de Câmara, que vem contribuindo no sentido de desenvolver os conhecimentos musicais dos universitários e do público pernambucano, através de concertos-aula.

O Conjunto de Câmara conta com as Professoras Birgitta Fassi Fihri (violino) e Dolores Maciel (piano) e alunos da

Escola de Música. Ao lado do violino e piano há um quarteto de instrumentos de sopro, formado por estudantes, em fase de estréia.

Juntamente com a execução musical, durante os concertos-aula, o Conjunto enfatiza o processo histórico e técnico da música em si e do instrumento. Realiza pesquisas, principalmente da música erudita brasileira, nem sempre lembrada.

A música, além de constituir uma manifestação artístico-cultural em si mesma, serve também de elo de ligação, permitindo a comunicabilidade entre os homens. Da contribuição primitiva, desde os tempos mais recuados, o som musical foi se incorporando aos poucos como elemento de referência e estudo, quer na sua expressão erudita, quer na popular, em todo o mundo. Dentro dessa perspectiva, é que o Departamento de Extensão Cultural da UFPE conta, no seu elenco de atividades, com o Conjunto Instrumental de Câmara (flauta doce), o Coral e Jogral Universitários e o Conjunto de Câmara.

A criação e incorporação de Conjuntos e Coral dentro das atividades do DEC contam com apoio do Ministério da Educação e Cultura, tendo os projetos para lá encaminhados pelo atual diretor desse Departamento da UFPE, Marcus Accioly, calhado com as diretrizes do Ministro Ney Braga, que vem dispensando atenção especial aos programas de incentivo às artes e à cultura em geral.

ATIVIDADES

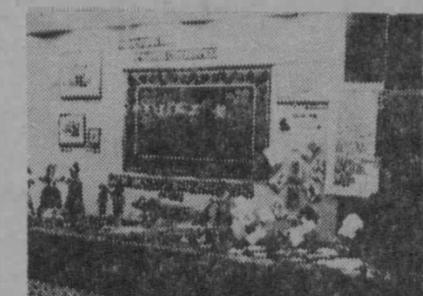
O DEC apóia também o Grupo SÓ-RISO, que vem fazendo sucesso em festivais e entidades culturais, no Nordeste e no Sul, constituindo-se na maior expressão do teatro de mamulengo da Região. Consta, ainda, do "Projeto Integração da Universidade nas Comunidades", a cargo do DEC, a perspectiva de formar uma filмотeca, já tendo, nesse sentido, o projeto "Série de Paisagens Nordestinas", feito em conjunto com os cineastas Fernando Spencer e Cláudio Aguiar, o super-8 "A Farinhada". O Departamento conseguiu instalar a Livraria "Geração-65", na Casa da Cultura, onde o público encontrará as obras publicadas pela Editora Universitária.



Gosto pela música instrumental

Com um repertório erudito e folclórico (bases e raízes) o Coral e Jogral Universitário, regidos pelo Professor José Amaro Santos da Silva, buscam a revitalização da música em seu aspecto amplo. Trata-se de um trabalho de educação vocal e pesquisa de literatura em seu sentido duplo: musical e, propriamente, literário. Vale ressaltar o sentido de canto, ritmo, metrificação, batuque, que o cancionário de Pernambuco tem como uma quase finalidade.

O Coral e Jogral Universitários compõem-se de alunos da UFPE: Maria de Fátima Gomes Ferraz, Areli Donato Sampaio, Ana Amália Shmidt, Amaro Antonio de Assis, Heleno Inácio dos Santos, Eriberto da Costa e Silva, Ivanísia Gonçalves de Freitas, Jandira Bezerra Carneiro, Jairo Vaz de Oliveira, Custódio Feitosa Amorim, Valmir Vilela,



Todo o esforço despendido é no sentido de promover a integração entre estudantes, professores e a comunidade em geral, num trabalho que objetiva valorizar e estimular as atividades artístico-culturais da Região, nos campos das artes plásticas, fonéticas e mistas.

EXPOSIÇÕES

Já conta o DEC com amplo acervo de artes, com vistas à instalação do Museu da Universidade. Enquanto se providencia o trabalho de reformas do prédio onde funcionou a Escola de Artes, no Benfica (futura sede do Museu), a direção deste Departamento vem promovendo exposições nas vitrinas das principais casas comerciais da Capital pernambucana, de modo a que o público conheça pelo menos parte do rico acervo de que dispõe a Universidade Federal de Pernambuco.

Têm sido feitas, ainda, apresentações de grupos folclóricos, dentro e fora da Universidade, sob o patrocínio do DEC, iniciativas que objetivam, principalmente, incentivar os espetáculos folclóricos e populares, dentro da perspectiva de integração através das artes.

COMUNICAÇÃO

Funcionam como elementos de fundamental importância, quanto aos objetivos do Departamento de Extensão Cultural, ao lado dessas atividades, a Revista ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS e o JORNAL UNIVERSITÁRIO, a primeira, congregando o pensamento dos corpos docente e discente, através de ensaios e artigos de cunho científico e literário, enquanto o JU, pela sua própria natureza, vem difundindo não só o pensamento de Professores e estudantes, como também o trabalho da Universidade como um todo, e da cultura artística e literária em geral, de Pernambuco.

OBJETIVOS

Principais objetivos do Coral e Jogral Universitários: motivar os estudantes para a educação da voz e contato com os nossos temas; levar às Universidades e escolas, bem como à comunidade, um som que ainda revele as nossas origens e raízes; promover o espírito da pesquisa musical, a ser requerido pelas partituras, identificando-as historicamente; desenvolver o gosto musical da comunidade nordestina em geral e da Universidade em particular, através de concertos e recitais.

SUAP É máxima importância econômica



Momento em que o jornalista Marco Aurélio proferia conferência, tendo ao lado o escritor Gilberto Freyre (diretor do Seminário) e o ex-governador Cid Sampaio, um dos convidados pela Coordenação do Seminário.

— A viabilização de Suape parece a alternativa mais lógica para o crescimento econômico de Pernambuco, inclusive criando a partir dele, uma série de empreendimentos geradores de emprego e renda.

Estas palavras foram ditas pelo jornalista e escritor Marco Aurélio de Alcântara, no auditório Reitor João Alfredo,

como conferencista da II Reunião Regular do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Ele abordou o tema "O Recife Eutropical como Porto Exportador e Importador de Significação Brasileira". Os trabalhos da Reunião foram coordenados pelo escritor Gilberto Freyre e presididos pelo Reitor Paulo Maciel.

Acredita Aurélio de Alcântara que a implantação do terminal industrial portuário de Suape permitirá a manutenção do Recife, como centro de desenvolvimento do Nordeste oriental, além de polarizador de uma série de funções econômicas, que poderiam se dispersar, sem a atração de empreendimentos estimulados por um bem montado esquema de incentivos fiscais e financeiros.

Ele já foi informado de que foi contratada a elaboração do modelo reduzido do porto, assim como também já foi o plano urbanístico da zona industrial, do ramal ferroviário e do sistema de abastecimento d'água. "Ainda este ano", acrescenta Aurélio de Alcântara, "a previsão do Governo de Pernambuco é de iniciar as obras de construção da infra-estrutu-

ra no Distrito Industrial que será acoplado ao porto". E diz que, mesmo sem recorrer a qualquer exercício de futurologia, é fácil prever que o Nordeste Oriental do Brasil, apoiado na infra-estrutura do porto do Recife e no futuro terminal industrial de Suape, passará a ocupar uma notável importância estratégica na chamada rota do Cabo.

Ele recorda que a revista *Military Balance*, em seu número dedicado ao Atlântico Sul, mostrava as grandes rotas estratégicas desse oceano e o papel a desempenhar pelo Brasil, Argentina, África do Sul, Angola, Nigéria e Portugal, como eixos de um poderoso tráfego marítimo e militar-naval, nos próximos anos.

A rota do Cabo é hoje, afirma a publicação, não apenas a rota marítima mais movimentada do mundo, pela qual passam 24 mil navios de alto-mar por ano, como também se reveste de importância vital para os países importadores de petróleo do golfo Pérsico. Desde 1967, este é o caminho mais fácil para abastecimento de petróleo à Europa e aos Estados Unidos a partir dos países árabes produtores.

Ação comunitária na extensão universitária

PAULO JOSÉ BARBOSA

Ao estudarmos as funções básicas da Universidade, tais como Ensino, Pesquisa e Extensão, verificamos que a esta última se deu uma importância maior, após a Lei n.º 5.540, de 1968, em seu art. 20: "as Universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes".

Sabemos, por outro lado, que a Extensão pode ser realizada através de estágios, campus avançados, cursos, prestação de serviços diversos e Ação Comunitária.

A Ação Comunitária foi definida em 1962 por ORLANDO FALS BORBIA, como a resultante do esforço cooperativo de uma comunidade que toma consciência de seus próprios problemas e se organiza para resolvê-los por si mesma.

Em 1970, a SUDENE introduziu à definição de Ação Comunitária, o sentido de processo social, de área determinada e de espontaneidade ou indução por agentes externos das mudanças a serem empreendidas.

Não obstante, o significado do termo Ação Comunitária baseia-se no sentido das duas palavras que o compõe, da forma seguinte: a palavra Ação não tem o significado "strictu sensu" ou seja, que à população onde se desenvolve o trabalho compete apenas a execução dos programas, mas a sua iniciativa, a decisão, o planejamento, o controle e a avaliação.

Já a palavra Comunitária exprime a existência de um grupo humano, interrelacionado por laços econômicos e culturais em uma determinada área geográfica.

Qualquer trabalho de Ação Comunitária implica em uma tomada de consciência por parte da população, quanto a sua problemática, causas, efeitos e alternativas de solução; participação popular em todas as fases do processo e mudança social, ou seja, processo de transformação profunda das estruturas sociais.

Entre os problemas existentes para realização da ação comunitária, nos programas de Extensão Universitária, temos:

a) — falta de sensibilização dos escalões superiores da administração universitária;

b) — falta de preparação dos docentes com relação a um trabalho de ação comunitária;

c) — falta de uma estrutura administrativa de apoio aos programas de ação comunitária;

d) — resistência por parte da Universidade e dos órgãos governamentais e privados para a realização de um trabalho comunitário em conjunto.

Como forma de definir uma diretriz para realização da Ação Comunitária, através da Universidade, destacamos as indicações de PIERRE FURTER, pedagogo suíço que realizou diversos trabalhos de pesquisa no Brasil, como representante da UNESCO no campo da educação de adultos, analfabetismo e cultura popular. Segundo ele, são as seguintes as tarefas que cabem à educação permanente e que podem ser aplicadas pela Ação Comunitária, a ser desenvolvida pela Universidade:

1. Instrumentalizar cada cidadão, a fim de aumentar-lhe a capacidade analítica, tanto em relação a ele mesmo, como ao grupo a que pertence ou à situação nacional;

2. tornar as populações capazes, graças a um esforço intelectual crítico, de interpretar e compreender, e, sobretudo, de confrontar a realidade com os planos e projetos de desenvolvimento;

3. estimular atitudes criadoras e imaginativas, que em determinada situação procurem todas as possibilidades existentes para suscitar fatores geradores de novos valores;

4. ensinar a organizar a vida no tempo e especialmente no tempo livre disponível, para que este não seja mais um tempo de ociosidade.

Professores elevam nível fazendo curso no exterior

Nenhuma universidade pode sobreviver sem o intercâmbio cultural e científico com outros centros mais adiantados. Para isso, necessita sempre enviar professores e alunos para cursos de doutorado, mestrado, PhD em outras universidades, de modo a enriquecer o seu nível intelectual.

A Universidade Federal de Pernambuco tem dado a maior importância a esse intercâmbio. No momento, como bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Departamento de Assuntos Universitários do MEC, encontram-se no Exterior, fazendo cursos de doutorado, cinco professores da UFPE.

São eles: Ana Lúcia Dias Schilieman (Curso de Psicologia — Londres); Alan Magalhães Costa (Curso de Letras — Estados Unidos); Georges Sebastião Pellerin da Silva (Curso de Economia — Paris); Selma Rodrigues Pellerin da Silva (Curso de Sociologia — Paris) e Marcelo dos Santos Guerra Filho (Curso de Biologia — Viena).

Também os recém-graduados pela UFPE, Antônio MacDowell de Figueiredo (Doutorado em Engenharia Mecânica) e Clodagh Mary de Almeida Goggin (terminou o Mestrado e vai iniciar o Doutorado) estão na Inglaterra e na França, respectivamente, como bolsistas da Pró-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação da Universidade.

Compromisso — No entanto, quando um professor ou um aluno consegue uma bolsa de estudos para se aperfeiçoar no Exterior, é preciso que a Universidade tenha a segurança de que ele voltará, pelo menos em certo prazo, a prestar os seus serviços em favor do seu desenvolvimento. É por isso que todo bolsista assume o compromisso de, retornando do Exterior, prestar serviços, durante dois anos, à sua Universidade de origem.

Evidentemente, o Ministério de Educação e Cultura estabelece que somente serão concedidas bolsas, em nível de mestrado, para áreas carentes ou insuficientes para atender às necessidades do País. Um processo rigoroso de escolha é estabelecido, embora os candidatos sejam muitos nas mais diversas áreas do saber.

Este ano, a Capes — órgão responsável por esta seleção — está analisando as possibilidades de enviar mais 13 candidatos da Universidade Federal de Pernambuco para cursos em países do Exterior. As bolsas de doutorado destinam-se à obtenção de título em universidade estrangeira, ou para a realização de trabalho de tese e posterior obtenção do título de doutor em universidade brasileira.

Dificuldades — Até fins de 1974, eram poucas as instituições de ensino superior que possuíam uma política de aprimoramento sistemático de seus quadros docentes. A formação a nível de pós-graduação dependia, normalmente, da iniciativa individual de alguns professores. Verificava-se, de um lado, uma desigualdade na distribuição dos docentes com a titulação requerida e, de outro, grandes lacunas em áreas de conhecimento prioritárias.

Estes foram os motivos que levaram o Ministério de Educação e Cultura, através do DAU e da Capes, a formular, em fins de

1974, um programa em forma de experiência piloto de planejamento institucional de capacitação de docentes, envolvendo, inicialmente, as Universidades Federais de Alagoas, Amazonas, Mato Grosso e Juiz de Fora, caracterizado por duas inovações essenciais: a primeira consistia em oferecer às instituições, quotas de bolsas de estudo para atender à qualificação de seus docentes em nível de mestrado e/ou doutorado; e a segunda, em oferecer às instituições docentes substitutos para possibilitar aos professores que ingressassem na pós-graduação, dedicação integral ao estudo.

O projeto experimental estava ainda no início de sua implantação, quando o Plano Nacional de Pós-Graduação, aprovado pelo Presidente da República, em 30 de julho de 1975, veio consagrar as medidas em relação ao desenvolvimento de recursos docentes para a universidade brasileira, prevendo, inclusive, verba específica para o período 1975/1979.

A partir de então, o Programa passou a se constituir em objeto de alta prioridade da Capes, que, com uma atuação articulada com o DAU, promoveu a divulgação, em nível nacional, da nova política do Ministério da Educação e Cultura junto às instituições de ensino superior do País.

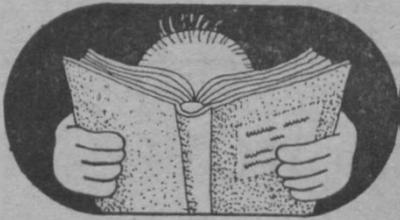
Esforço da Capes — Desde 1951 que a Capes vem envidando esforços no sentido de qualificar e aperfeiçoar os recursos humanos do País, através da concessão de auxílios e bolsas de estudos. Nesses 25 anos de atividades, experimentou diferentes processos de atuação, desenvolvendo atualmente programas relevantes na implantação do Plano Nacional de Pós-Graduação.

Ela oferece bolsas de estudo no País para Mestrado/Doutorado; para pós-doutorado, destinadas a doutores que desejam realizar estágios, curso ou outra atividade de aprimoramento profissional em instituições de ensino, pesquisa ou serviço; e doutorado e pós-doutorado no Exterior.

Em busca da perfeição — Em todas as universidades brasileiras é muito grande o número de professores e alunos que se esforçam para fazer cursos no Exterior. É a busca da perfeição, a valorização da classe. Alguns têm a sorte de receber convites para lecionar em universidades européias ou norte-americanas e aproveitam a oportunidade para aprender também. Mas não é assim que acontece sempre.

Atender a todo o País é o grande esforço da Capes. No entanto, os recursos não são os grandes e os pedidos que chegam são imensos. Daí a necessidade de uma seleção rigorosa, cuidadosa, criteriosa. Mesmo assim, uma grande é atendida, e quem ganha é a universidade brasileira que vê desenvolvido o seu nível intelectual.

Embora contando com as dificuldades naturais para esse tipo de trabalho, a Capes destina, anualmente, sete bolsas de estudos para Pernambuco. Os professores e estudantes interessados devem ser encaminhados ao órgão competente de pós-graduação (Pró-Reitoria, Centro, Departamento, ou Coordenador da Área) da instituição de ensino superior (no caso, a Universidade Federal de Pernambuco), que se encarregará de levá-los à Capes, para seleção.



BEETHOVEN



SESQUICENTENÁRIO DA MORTE

O mundo comemora, em 1977, o sesquicentenário da morte de Beethoven. Com efeito, a 26 de março de 1827, o féretro de LUDWIG VAN BEETHOVEN, nascido em Bonn, Alemanha, em dezembro de 1770, conduzia ao cemitério de Währing, em Viena, uma multidão calculada em cerca de 20.000 pessoas ou seja, 5% da população da capital do Império Austro-Húngaro. Beethoven, uma autêntica glória nacional, era fruto do casamento de Maria Magdalena Kewerich, uma humilde camareira, com um sujeito que tinha contra si o fato de ser um bêbado incurável.

No Brasil, as comemorações do sesquicentenário da morte do gênio alemão tiveram início com um vídeo-taípe da TV Globo, dia 18 de março, onde se via e ouvia a Orquestra Filarmonica de Berlim, regida pelo maestro Herbert von Karajan, interpretando a última sinfonia do mestre, a Sinfonia Coral. Mas, como era de se esperar, a audiência da Globo baixou de maneira estrepitosa. O que não serviu para desestimular os promotores da façanha, pois, durante todo este ano, numa média de uma vez por mês, a emissora continuará apresentando os seus **Concertos Internacionais**. O que não deixa de ser altamente louvável. Já na França, segundo uma matéria publicada há pouco tempo pelo Jornal do Brasil, as festas em homenagem ao músico estão simplesmente arrebatando os franceses.

Geralmente considerado um dos três gênios máximos da música ocidental,

sendo que os outros dois são Johann Sebastian Bach e Wolfgang Amadeus Mozart, a fama de Beethoven só tem crescido através dos tempos. Ele é, no mínimo, o músico mais ouvido e admirado dentre todos os grandes mestres da música.

Quem foi Beethoven? Ora, a biografia desse compositor germânico, que para muitos é o último grande mestre musical do Ocidente, foi mais estudada do que a de nenhum outro artista, com a provável exceção de Goethe. Para se ter uma idéia, o americano Antony Thayer dedicou a vida inteira ao estudo das minúcias, com ênfase especial nas inumeráveis mudanças de casa do mestre inquieto. Beethoven, cuja rebeldia tem sido frequentemente exagerada por aqueles que o admiram, desde cedo mostrou dotes inatos para a música. Basta dizer que, aos oito anos, já tocava cravo em público; aos doze, torna-se o organista da Corte, aos treze, publica três sonatas.

SURDEZ

Ao contrário do que pensam muitos, a vida de Beethoven só veio a ser infeliz a partir do momento em que ele começou a sentir os primeiros sinais da surdez que, paradoxalmente, jamais influiu negativamente no resultado final de suas composições. A surdez, esta sim, deixava o mestre em doloroso estado de prostração, muito mais do que os seus

frequentes e lamentados fracassos sentimentais. Mas há quem afirme que a surdez do mestre foi até providencial, pois acabou por libertá-lo de todas as convenções, abrindo-lhe portas para o reino da música totalmente abstrata. No caso, os celebrados últimos quartetos. Dizem, inclusive, que cada um desses quartetos — são cinco, ao todo — vale por todas as sinfonias. Um exagero, na certa, pois nem tudo quanto se afirma a respeito do mestre constitui verdade absoluta.

Por exemplo: Beethoven parece ter se apaixonado verdadeiramente apenas duas vezes. O primeiro alvo do seu amor foi a condessa Giulietta Guicciardi, de 17 anos, sua aluna, cujos pais sequer quiseram ouvir falar em casamento. E, finalmente, a condessa Therèse Brunsvik, prima de Giulietta, que, tudo indica, parece ter correspondido ao amor do músico. Uma outra mulher, a burguesa Teresa Malfatti, atraiu as atenções de Beethoven, que lhe propôs casamento, mas esta, alegando que o mestre era feio, recusou.

Beethoven era um grande individualista. Deveras convencido de sua genialidade, rebelde mas também humanista — e humanista a ponto de acreditar que a sua música velava pelos ideais mais nobres da Humanidade —, este compositor realizou uma obra onde, muitas vezes, certos matizes chegam a antecipar a

futura revolução por que passaria a música ocidental.

CLÁSSICO OU ROMÂNTICO

O mestre era clássico ou romântico? Para os franceses, que consideram padrão "clássico" somente aquele que vigorou nos séculos XVII e XVIII, Beethoven é romântico. Para os alemães, porém, que desconhecem esse padrão, o autor da Quinta Sinfonia é tão clássico quanto Haydn e Mozart. Assim, os adeptos da segunda tese admitem facilmente que Beethoven não foi um revolucionário. Afirmando que ele manteve as formas de Haydn, a quem sucedeu, apenas alargando-as. Por exemplo: Beethoven modificou o esquema da sonata, ao colocar o **Scherzo** antes do movimento lento e transformar este em terceiro movimento, e isso já ocorre em alguns quartetos de Haydn.

Beethoven também não é um músico fácil. A notoriedade de algumas de suas obras, principalmente as grandes sinfonias e certas sonatas de sua segunda fase, levam muitas pessoas a supor que, nele, a música fluía com demasiada naturalidade, como em Schubert. Trata-se de um engano. Ele jamais foi homem de inspiração instantânea. Sua própria evolução foi das mais vagarosas. "Se tivesse morrido, como Schubert, com 31 anos de idade, seu nome não seria hoje mais lembrado por ninguém", diz Otto Maria Carpeaux.

Hesse: a quem a psicanálise ajudou



Hermann Hesse nasceu no dia 2 de julho de 1877, em Calw (Floresta Negra). Toda a sua juventude foi bastante inquieta, absolutamente anti-convencional, e às vezes marcada por uma série de

fugas, pois o hoje incensado romancista Hermann Hesse era um inadaptado. Estudou Teologia, quase que por imposição dos pais, mas nunca foi religioso, chegando, inclusive, a combater a religiosidade de caráter pietista vivida por aqueles. Deixou-se psicanalisar, era até amigo íntimo do professor Carl Gustav Jung, e diz que a psicanálise contribuiu decisivamente para que, já na maturidade, adquirisse uma certa tranquilidade emocional.

Na realidade, uma de suas obras, a novela *Demian*, está impregnada de fortes influências da psicanálise. E foi justamente esta novela que causou furor entre os

jovens saídos da primeira grande conflagração mundial. Mas a admiração da juventude ocidental por Hesse — mais saliente na década dos 60 do que em qualquer outra — não diminui o imenso valor da sua obra.

Hesse é o último dos grandes escritores alemães a aplicar, não apenas na ficção como também na vida, os recursos oriundos do Romantismo. E esta tendência romântica perdurou até o dia 8 de agosto de 1962, ano em que Hesse morreu, insatisfeito com o rumo do mundo, aos 85 anos de idade. Ele era um homem extremamente modesto, apesar de ter sido cumulado por inumeráveis honra-

gens e prêmios. Entre 1950/57, Hesse recebeu vastos honorários, mas os colocou à disposição de seu amigo e editor Peter Suhrkamp, visando às obras de restauração da editora. Se ainda estivesse vivo, estaria espantado com os grandes lucros advindos dos direitos autorais de suas obras, nos últimos dez anos. Mas Hesse viveu seus derradeiros anos em absoluta solidão, cultivando rosas e ouvindo música.

Hesse recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Na ocasião disse, entre outras coisas, o seguinte: "Se sou um adversário implacável da guerra, da pilhagem e das anexações, sou-o também porque

essas forças obscurantistas fizeram inumeráveis vítimas entre aspectos históricos, altamente individualizados, ricamente diferenciados, da cultura humana. Sou inimigo dos grands simplificateurs, e tenho predileção pela qualidade, pelo que não se deixa moldar nem dominar".

Hesse sempre amou a paz. Na cerimônia de entrega do Prêmio da Paz, oferecido pelos livrelros alemães, o escritor deu ênfase especial à sua idéia de que um alto estágio de civilização só poderá ser obtido através da compreensão universal entre os homens. Hesse, tanto quanto seu

grande amigo Thomas Mann, opôs-se sincera e comovidamente ao Nacional-Socialismo. Estava na Suíça, onde vivia há vários anos, quando soube que as suas obras haviam sido proibidas na Alemanha hitlerista. Mesmo assim, jamais chegou a fazer propaganda contra o regime, dada a sua incapacidade de participar ativamente da política.

Na madrugada em que faleceu, vítima de um derrame cerebral, estava dormindo. Como ele sempre desejou morrer. Antes, porém, tinha acabado de ouvir a sonata n.º 7, em dó maior, de Mozart.

J. G., brasileiro lido na Europa

J.G. de Araújo Jorge é um dos poetas mais populares do Brasil. O que não significa, por outro lado, que ele seja um dos maiores poetas brasileiros. Araújo Jorge é popular porque escreve uma poesia de comunicação demasiado fácil, sem uma forma sofisticada e imbuída de uma mensagem sem grande profundidade. O poeta, que além de escritor é deputado federal pelo Estado do Rio, teve um dos seus poemas traduzidos na Europa, especialmente para os estudantes da Universidade suíça de Zurich. A primeira estrofe deste poema — intitulado *Balada da Chuva* — é transcrito abaixo, juntamente com a sua respectiva tradução:

Balada da Chuva

A tarde se embaça:
— um pingo, outro pingo
respinga um respingo
de encontro à vidraça;
um pingo, outro pingo,
e a chuva aumentando
e eu nada distinguindo,
— respinga um respingo
tinindo, cantando
de encontro à vidraça...

Ballade des Regens

Der Nachtltag verdüstert sich
— ein Tropfen, ein anderer Tropfen,
ein Tropfen, ein anderer Tropfen,
und der Regen nimmt zu,
und ich sehe nichts,
— ein Tropfen spritzt
klingend, singend
gegen die Scheibe...

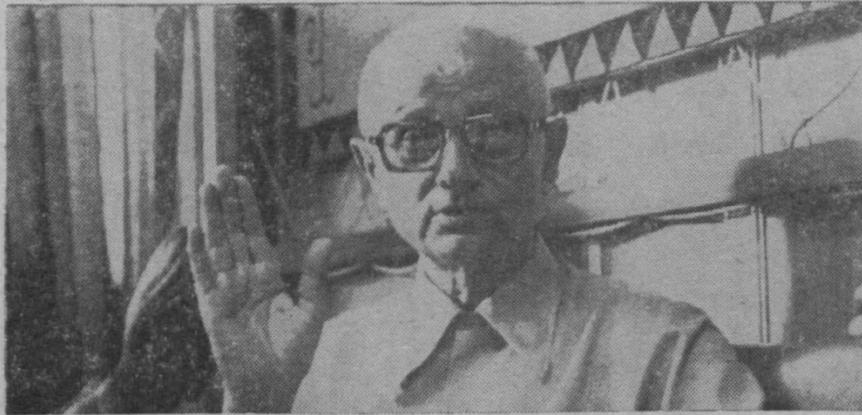


Suassuna publica O Rei Degolado

"O Rei Degolado — Ao Sol da Onça Caetana" é o novo romance arromorial e novela romançal — de acordo com denominação do autor — lançado pelo escritor Ariano Suassuna, através da Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro. Publicado inicialmente, em forma de folhetim, no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, o livro dá prosseguimento ao enorme projeto literário, programado por Suassuna, e iniciado com o "Romance da Pedra do Reino e Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta", em 1958.

O lançamento oficial do livro ocorreu durante solenidade na redação do DP, contando com a presença de autoridades. Ao saudar Suassuna, o poeta Mauro Mota disse que ele era um dos maiores escritores brasileiros. Referiu-se, ainda, a Ariano, como um "pernambucano nascido na Paraíba".

Engenho Banguê, novo livro



Padre Petronilo, estudioso da vida rural

Uma visão geral do ambiente, da gente e dos demais elementos que compõem a paisagem, o dia-a-dia da antiga forma de engenho, no Nordeste, é o que nos oferece o padre Petronilo Pedrosa, no seu livro *Engenho Banguê*, lançado no dia 27 de maio último, como parte das comemorações aniversárias do decênio da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, da qual o autor é Professor.

O livro, que enfoca termos relativos a instrumentos de trabalho, atividades e fatos da vida social, é prefaciado pelo jornalista Costa Porto, que salienta, após oferecer um retrospecto da civilização pernambucana colonial:

"Homem de Igreja, 'miles Christi', obediente ao 'chamado', cuidando para 'trabalhar na vinha', cuidando das cousas do Céu — ea quae sunt Dei', — o Padre Petronilo Pedrosa continua vivendo aquele clima 'barreense' de fidelidade às origens, às raízes telúricas de sua formação de menino de engenho" e neste trabalho, por todos os títulos meritório, se traçou o plano de "reconstituir" ângulos íntimos da vida dos velhos banguês pernambucanos, levando a cabo esforço aparentemente desambicioso e inocente, de perpetuar realidades que, em breve, sumirão de todo, pois desaparecida a "realidade", seu vestuário exterior, através da palavra falada ou escrita, não sobreviverá, tornando-se um tema lírico e inatural, a despertar apenas as atenções saudosistas dos arqueólogos".

MOTIVOS

Na introdução a *Engenho Banguê*, o Padre Petronilo Pedrosa explica: "Fiz este trabalho como tarefa da Cadeira de História Social e Econômica do Brasil do Curso de Mestrado em História, da Universidade Federal de Pernambuco. Depois resolvi publicá-lo. Assim realizaria uma idéia que de há muito alimentava: a de fixar, a fim de preservar, tanto quanto possível, do esquecimento os nomes referentes a instrumentos de trabalho, a atividades e a fatos da vida social dos nossos antigos engenhos banguês. Com o seu total desaparecimento, esses nomes e esses fatos irão ficar completamente ignorados das futuras gerações.

"Não tive intenção — revala o autor — de fazer análise sociológica da vida dessas comunidades rurais em determinada época. Quis apenas relatar nomes e fatos relacionados com a vida de trabalho de um engenho banguê. Esses nomes e fatos aqui relacionados ainda trago na memória, uma vez que vivi alguns anos de minha meninice num engenho, vendo essas cousas e convivendo em meio dessas atividades. Completei essa relação, consultando pessoas que viveram e que trabalharam em engenhos e que ainda têm essa experiência".

DIVISÃO

O Padre Petronilo divide a obra em doze capítulos: 1 — Meios de Transporte e Comunicação; 2 — Sistema de Habitação; 3 — Atividades Industriais; 4 — Atividades Complementares; 5 — Atividades do Campo; 6 — Fabricação de Instrumentos; 7 — Produção de Alimentos; 8 — Número e Categoria dos Trabalhadores; 9 — Vida Social do Trabalhador; 10 — Festas do Engenho; 11 — Objetos de Uso Doméstico; 12 — O Senhor de Engenho.

Revista volta a circular

A Revista *Estudos Universitários* volta a circular, normalmente, depois de algum tempo de paralisação, por motivos que fogem à alçada do Departamento de Extensão Cultural, órgão responsável pela sua publicação. Editada, trimestralmente, e impressa nas oficinas gráficas da Editora Universitária, destina-se, como revista de cultura, a divulgar o pensamento do corpo docente da UFPE, através de ensaios, artigos e outros manuscritos, de caráter técnico, científico e literário. Bem como a publicação dos novos escritores que, graças a ela, têm saído do absoluto ineditismo-engavetado para a letra de forma.

Tem a seguinte orientação: diretor — Paulo Frederico do Rego Maciel (Reitor); diretor-associado — Lourival Vilanova; editor — César Leal. Conselho Diretor: Waldecyr Araújo, Luis Antonio Marcuschi, Marcus Accioly, Telmo Frederico do Rego Maciel, Cecília Maria Domenica Sanioto Di Lascio, Oswaldo Gonçalves de Lima, Nilo Pereira e Ruy João Marques.

No seu mais recente número (1/2 — Janeiro-junho de 1977), a Revista *Estudos Universitários* traz as seguintes colaborações: *Personagem e Ficção* — Leonidas Câmara; *Problemas Atuais do Acesso ao Ensino Superior* — Newton Sucupira; *As Origens Clássicas da Figa* — Gabriela Martin; *O Movimento Modernista e as Ciências Sociais no Brasil* — Nelson Saldanha; *Temas e Motivos de Thomas Mann* — César Leal; *Poética do Realismo Épico* — Marcus Accioly; *Cancão de Fogo* (teatro) de Jairo Lima. Tanto a *Poética* como *Cancão de Fogo* sairão em separatas, o que significa a presença de mais dois livros da nova-geração, cumprido, assim, uma quase tradição iniciada pelo poeta César Leal, quando o professor Newton Sucupira era diretor do DEC.

Catalogando

BONIFÁCIO ANDRADE

BANCO DE TESES

No número anterior deste jornal mencionei a importância dos Resumos, da SBPC. Quero destacar hoje outra publicação que é tanto quanto aquela indispensável a todos os cientistas brasileiros e àqueles que se preocupam com o progresso da Ciência no Brasil: é o *Catálogo do Banco de Teses*, publicado conjuntamente pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão este último vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

Nos últimos anos foram elaboradas milhares de teses nas universidades brasileiras, a maioria delas tendo uma divulgação bastante limitada, pois apenas as publicadas por editoras comerciais e algumas poucas publicadas por uma ou outra editora universitária, tornaram-se disponíveis a todos os estudiosos interessados pelos assuntos que elas abordaram. Assim, ficavam os pesquisadores brasileiros ignorando o que estava sendo realizado por muitos outros pesquisadores brasileiros que se dedicavam às mesmas questões que eles. Havia, como continua havendo, as amizades pessoais, as reuniões e publicações da SBPC e de outras entidades científicas, bem como os periódicos de editoras comerciais (por exemplo, *Contexto*), de universidades (por exemplo, *Cadernos DCP*, da UFMG) ou de outros órgãos públicos (por exemplo, *Revista Paranaense de Desenvolvimento*). Mas todos esses meios eram insuficientes para informar aos cientistas brasileiros sobre as teses defendidas sobre os assuntos de sua especialidade, e para informar sobretudo aos cientistas mais jovens que ainda não vêm mantendo contactos regulares com todos os outros que no País realizam pesquisas dentro de seu campo de estudo. Agora, porém, a situação começa a se modificar. Quando estiver atualizada a publicação do *Catálogo do Banco de Teses* todos os interessados poderão se informar sobre as teses defendidas no Brasil e as elaboradas por brasileiros e defendidas no exterior.

O Banco de teses está sendo organizado por um Grupo Técnico constituído pelo MEC e pelo CNPq, grupo este que "integrará o futuro Centro de Informática do MEC (CIMEC)".

Datado de 1976, apareceu no início deste ano o primeiro volume do *Catálogo do Banco de Teses*. Segundo é explicado, "a primeira etapa do trabalho (do Grupo Técnico) constitui-se do cadastramento de todos os centros de pós-graduação. O segundo passo tratou da coleta, em formulários próprios, dos dados referentes às teses. Armazenados em computador, foi feito o tratamento para posterior emissão de catálogos".

O *Catálogo do Banco de Teses* apresenta para cada tese as seguintes informações: nome do autor, universidade (com a especificação do curso e do departamento), endereço da universidade, título obtido com a tese, número de páginas, datas do início e do término da elaboração, data da defesa, natureza da pesquisa, orientador (quando for o caso), colaboradores (quando for o caso), instituição financiadora (quando for o caso), título da tese, objetivos e, finalmente, síntese e conclusão. Permite, portanto, o consultante da publicação identificar as teses que lhe interessam e se comunicar com os autores das mesmas.

No primeiro volume são catalogadas três mil e dezesseis teses, sendo 2.071 de mestrado, 615 de doutorado, 296 de livre docência e 34 de pós-doutorado.

Os elaboradores dessa publicação definiram 42 "áreas de conhecimento", as quais são divididas em "sub-áreas". A distribuição das teses catalogadas no primeiro volume por essas áreas é a seguinte: Administração, 44; Agronomia, 151; Alimentos, 53; Antropologia e Arqueologia, 24; Arquitetura, 28; Artes, 35; Astronomia, 14; Biologia, 450; Botânica, 62; Ciência da Saúde, 373; Ciências da Computação, 34; Ciências Políticas, 9; Comunicação, 2; Direito, 31; Ecologia, 17; Economia, 96; Educação, 177; Engenharia Aeronáutica, 12; E. Civil, 58; E. Elétrica, 124; E. Industrial e de Produção, 49; E. Mecânica, 80; E. Metalúrgica e de Materiais, 37; E. Naval, 9; E. Nuclear, 47; Engenharia Química, 40; Filosofia, 35; Física, 173; Geociências, 68; Geografia, 21; História, 42; Linguística, 88; Matemática, 64; Medicina Veterinária, 39; Oceanografia, 28; Psicologia, 111; Química, 85; Recursos Naturais Renováveis, 2; Sociologia, 40; Urbanismo e Planejamento Urbano, 17; Zoologia, 100; e Zootecnia, 47.

Este rol de teses, cujo número pode ser considerado elevado, ainda está bem desatualizado. Somente na Universidade Federal de Pernambuco, durante o período em que foram defendidas as teses catalogadas, foram defendidas e aprovadas mais de dez teses de mestrado em Sociologia e outro tanto de teses de mestrado em Economia, além das teses em outras "áreas de conhecimento", e nenhuma delas é indicada no primeiro volume do *Catálogo do Banco de Teses*. Entretanto elas, como também todas as defendidas a partir de meados de 1976, aparecerão nos volumes seguintes, ficando os estudiosos perfeitamente informados sobre todas as teses defendidas nos seus respectivos campos.

Dessa forma, a constituição e a manutenção do Banco de Teses, e a publicação do *Catálogo do Banco de Teses*, constituem-se relevantes contribuições para o desenvolvimento das pesquisas científicas no Brasil.

“CANTOFLOR”, um poema visto por dentro

O estudo sobre o poema “Cantoflor”, extraído do livro *Nordestinados* de Marcus Accioly, feito por Paulo Erlich, aluno do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE), é um atestado do nível com que vem sendo conduzido o ensino das Letras em Pernambuco.

Na íntegra, o trabalho de Paulo Erlich:

CANTOFLOR		
A rosa, aurora rubra, Nascendo aberta, acesa Do lápis, flor sangrando Entre meus dedos, presa, Na folha limpa, flor Florindo sobre a mesa, E, para sempre, flor Dentro do tempo acesa.	1.ª	acesa presa mesa acesa
A flor, manhã nascida De azul iluminada, Embora rubra, flor Sobre o papel plantada, Minando azul do lápis Flor floração florada Contrária à própria flor Sem flor e lume e nada.	2.ª	iluminada plantada florada e lume e nada
A flor, um sol aberto Na primavera em flor O sol o fogo o incêndio Da aurora rubra, a cor Vermelha azul da pétala Despetalando a dor De um sol, dentro do lápis, Incendiando a flor.	3.ª	flor cor dor flor
A flor, canção marinha, Soprando a folha, mar Azul, dentro do lápis, Fazendo derramar Na folharia, praia, Antes da flor florar Em vez da onda o pranto Lagrimazul do mar.	4.ª	mar derramar florar mar
A flor, um sino dentro De um búzio, templo e lar Um búzio azul marinho Na escuridão do mar E sobre a folha, a flor Querendo despertar A solidão das conchas Fechadas no alto mar.	8.ª	canto pranto enquanto canto
A flor, oculto pássaro Dentro do lápis, preso, Abrindo o azul das asas Dentro da flor, aceso, Pousando sobre a folha Embora que sem peso Pra deixar o canto Dentro da folha aceso.	9.ª	aberta liberta completa aberta
A flor, aceso sonho, Antes da flor florida Flor anteflor florando Dentro do azul da vida Botão de flor, semente Que guarda a flor contida No sonho que se acende Dentro da flor da vida.	b) Na 5.ª, 6.ª e 7.ª estrofes, a perfeita identidade se dá entre o 4.º e o 8.º versos:	
A flor, aceso sonho, Antes da flor florida Flor anteflor florando Dentro do azul da vida Botão de flor, semente Que guarda a flor contida No sonho que se acende Dentro da flor da vida.	5.ª	lar mar despertar mar
A flor floral a rosa Chamada flor, o canto Florhino azul do lápis Embora sendo o pranto Do orvalho, água de flor, Lavando a folha, enquanto O olhar, em vez do sol, Acendo a flor do canto.	6.ª	preso aceso peso aceso
A flor não flor a ave Ante a manhã aberta, Com asas de palavras Da folha se liberta E voa o canto, a flor De floração completa, Dentro do dia, pássaro Sobre a janela aberta.	7.ª	florida vida contida vida

ANÁLISE DO CONTEÚDO

FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM

De modo abrangente, todo o poema traduz as fases de sua criação, o extravasamento do íntimo, do “eu” criador, que é o “PÁSSARO PRESO DENTRO DO LÁPIS” e que vai pousar sobre o papel e acender, fazer nascer-brotar o CANTOFLOR.

A primeira leitura já nos leva ao encontro das cores. E aí está uma das maiores forças do poema: a dualidade cromática “VERMELHAZUL”. Aglutinadas na palavra e no próprio sentimento, as duas cores são, em verdade, a ligação do ato de escrever (o AZUL, situado concretamente dentro do poema) e a motivação da criação, o sentimento, a angústia, quiçá a dor (o VERMELHO, atuando subjetivamente). A idéia e a imagem do vermelho têm relevo quando a “FLOR SANGRANDO” dá noção de sofrimento e, paralelamente, do sofrido fluir das palavras, da alma para o papel.

Observe-se o efeito produzido pelo choque entre “SANGRANDO”, que traz em si a idéia de vermelho, e “FOLHA LIMPA”, que encerra a sensação de branco. Tal efeito vem acentuar o sentimento que transportou o poeta à criação.

As cores não aparecem sós. Existe a constante presença de luzes, brilho, efeito da manhã, do despertar, da libertação do sentir: “AURORA”, “ILUMINAÇÃO”, “SOL ABERTO”, “FOGO”, “INCÊNDIO”. Deve-se, neste particular, atender à gradação “AURORA” —> “MANHÃ NASCIDA”, —> “SOL ABERTO”, que se relaciona com as fases da elaboração do poema: o nascimento, o prosseguir da criação, a firmeza e o domínio sobre o tema. É o brotar, crescer, desabrochar do poema como flor. O climax vai ocorrer na última estrofe, onde se percebe a certeza e a satisfação de haver conseguido concluir o canto (“FLOR DE FLORAÇÃO COMPLETA”) e a vontade de tê-lo não mais como simples canto, mas como ave, pássaro que alcança, envolvente, o mundo exterior (“COM ASAS DE PALAVRAS”).

Também o mar não foge ao seu papel de fonte inspiradora, de provocador de ímpetos, de emoções, e funde-se com o poema por caminhos vários, como se pode notar pela presença do azul: o azul do mar e o azul do lápis; a areia banhada pelo mar azul e a folha que recebe o azul do lápis (daí a “FOLHAREIA”); o “PRANTO LAGRIMAZUL DO MAR” e o pranto interior do poeta. A interpenetração, destarte, faz-se no poeta e nos objetos utilizados para a elaboração (fabrificação) do canto. E dessas fusões surge o “MARHINO”: relações entre o mar e o poema-flor-poema.

O poeta, assim, faz seus sentimentos (o “PASSARO”) “pousarem” sobre o papel e dá vida ao canto, deixando-o “DENTRO DA FOLHA ACESO”.

E o canto, sendo assim criado, vai traduzir o sofrer, o pranto, as lágrimas que ele compara ao orvalho que molha a flor.

Deixa o canto aceso, vivo, para que as palavras, aladas, se libertem do papel e, vazando o espaço da janela, mergulhem no universo.

Tudo isso se pode resumir:

E o pássaro
Oculto preso
Passarazulápis
Sobre o papel
Faz canto
Cantoninho
Cantopranto
A florvida
Que, florida,
Pela janela
No dia
Se liberta.

RECURSOS ESTILÍSTICOS

Em todo o canto, sobressaem-se metáforas.

Surgem da própria intenção de fazer a comparação poema-flor, abrindo a alma à penetração da natureza (manhã, sol, mar, orvalho).

Daí se sucedem as comparações mentais. Entre outras, podemos apontar:

- “A rosa, aurora rubra”
- “A flor, manhã nascida”
- “A flor, um sol aberto”
- “A flor, canção marinha”
- “A flor, um sino dentro”
- “A flor, oculto pássaro”
- “A flor, aceso sonho”
- “A flor (...) a ave”
- “(...) flor
- “Dentro do tempo aceso”
- “Despetalando a dor”
- “(...) o canto”
- “Dentro da folha aceso”
- “Com asas de palavras”
- “E voa o canto”
- “(...) pássaro”
- “Sobre a janela aberta”
- “(...) pranto”
- “Lagrimazul do mar”

Também podemos encontrar prosopopéias.

Devem-se ao reflexo do poeta no seu canto. A animização da flor nada mais é que seus próprios sentimentos e atitudes para a criação do poema.

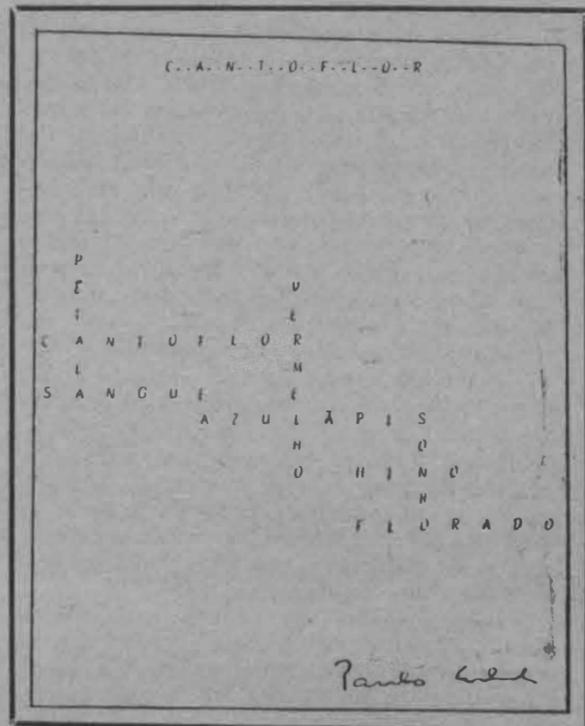
Desse modo, observamos:
“flor sangrando”
“(...) a flor”
“Querendo despertar”
“A solidão das conchas”

Aliterações são bem frequentes no poema: a constante repetição da palavra flor já traz aliteração que nos sugere o desabrochar da flor:
“(...) flor
“Florindo sobre a mesa”
“Flor floração florada”
“Antes da flor florar”
“Antes da flor florida”
“Flor anteflor florando”
“A flor floral (...)”
“A flor não flor (...)”
“(...) flor
“De floração (...)”



Jorge Luis Borges: um espírito clássico extraído na América Latina ou um argentino com espírito europeu?

Antes de tudo, um cidadão de Buenos Aires — cidade cosmopolita — com os pés fixados nas raízes do tango e as mãos presas aos antigos cuchillos de Palermo. Aficionado por um tempo que permanece na névoa dos seus olhos, Borges nos fala dos Iberos, dos Natos, dos Paredes, do negro que estocou Martín Fierro, enfim, de uma fatalidade e mitologia de facas e punhais.



DUELO

MARCUS ACCIOLY

No subúrbio que evoca outro subúrbio sem tango compadritos cuchilleros encontrei-me com a morte e o tempo dúbio dos Borges & Accioly: o entrevero

a vida ou o destino fez um trato para os homens cumprirem com o puhal (era entre Deus e o Demo aquele pacto de coragem igual e medo igual)

feito uma dança cega e introvertida um bailado de asas sobre a música nostálgica: guitarra ou voz ferida entre a primeira e a estocada última

numa esquina qualquer: saguão ou pátio o teatro da luta se fez longo e a ponta da canção (bico de pássaro) foi a terrível lâmina do tango.

o gume que o cegou tinha seu cabo dentro da minha mão: eu Accioly (como o irmão Ibera matou Nato quis matar meu irmão chamado Borges

ele gritou e a música foi faca na minha voz (entre o silêncio e o som) porque doeu da carne até a alma toda a milonga do bandanéon

sei que ele viu (já cego) a minha cara e marcou-a do alto ao próprio peito onde o brilho do aço penetrara na bainha do sangue o fio estreito

subi do ar no ar e sobre argila novamente caí em seu encontro dentro do bairro (sem punhal nem vida) sob a terrível lâmina do tango

“o mais moço morreu e o outro é cego” alguém gritou e a noite ou uma mulher tapou meu rosto sob o seu cabelo em qualquer rua de um lugar qualquer.

ESTRUTURA DO POEMA
O poema é constituído de nove oitavas, com versos hexassilabos.
A rima utilizada é alternada, no 2.º, 4.º, 6.º e 8.º versos. Há, no entanto, algumas particularidades:
a) Nas quatro primeiras estrofes e também nas duas últimas, existe perfeita identidade na rima do 2.º e 8.º versos, feita por palavras iguais ou, quando não, por cadeias sonoras iguais:

NOTA: É interessante a coincidência entre o número de estrofes (nove) e o número de letras do título CANTOFLOR.
Há várias repetições a notar, principalmente de “flor” (incluindo derivados e compostos): 40.
Outras repetições, em menor número:
“azul”: 9
“folha”: 8
“aceso” / “acende” / “acendo”: 7

Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO

José Mário Rodrigues teve o desplante de escrever, quanto à espessura, (refiro-me a "Os Motivos") um dos mais minúsculos livros de poesia que conheço. Acordei irritado uma dessas manhãs, procurando-o na estante, e terminei quase por esmurrar as paredes porque o livro, de tão pequeno, tornou-se invisível ante os meus olhos justamente no lugar onde o coloquei. Não conheço, sob estes e outros aspectos, poeta mais misterioso do que José Mário Rodrigues. Há poetas que lêem mais do que ele, mas não atingem aquelas zonas do espírito e do coração, em todas as camadas de leitores, que a poesia de José Mário, que é, inclusive, milagrosamente erudita, consegue atingir.

Tensa e dramática, pode decepcionar, entretanto, aqueles que esperem ardentemente que a poesia se resolva numa adoção, geralmente espúria, dos formalismos em voga. Mesmo porque não se pode estabelecer nenhum relacionamento entre o seu trabalho poético e o da maior parte da sua geração. Começa porque ele desdenha, soberanamente, desde os inícios, poetas como João Cabral e outros da geração de 45. Ele ficou mesmo com Bandeira, Schmidt e, sobretudo, Murilo Mendes, todos poetas de 30. Certas das suas combinações imagéticas, nas quais não é difícil encontrar uma curiosa influência do surrealismo — mais enquanto tendência do que mesmo como escola — o colocam inteiramente por fora das hostes dos barganhadores da palavra, entre os quais muitos se tornaram eminentes justamente pelo exercício de uma arbitrariedade, que nada tem de orgânica, mas só de artificial e mal assimilada, no trato com a linguagem.

Não acredito que uma justaposição dispare de palavras jogadas a êsma consiga constituir um poema, quando nada se pode ou se quer comunicar por trás desse desperdício de significação.

O poeta de "Os Motivos", entretanto, para qualquer leitor inteligente que também os há, para desconsolo dos escribas, entre os leitores

puros e simples é dono de uma expressão pessoal reconhecível à primeira vista. Não padeço felizmente de burrice para ser tocado pela poesia dele e não ser tocado pela de outros, pretensamente mais eruditos, mais completos e mais sábios, porém que não tiveram ainda o sangue revolucionado pelo duende de Lorca.

A poética de José Mário Rodrigues é bem cuidada, e apenas em alguns momentos — inteiramente expurgáveis, sem dano para os poemas em que tal ocorre — pode beirar o circunstancial. Lembre-se, entretanto, que o poeta, como o homem, é também circunstancial. Por isso o poeta confia em nós ao nos dizer: "Toma essa palavra/Que arranquei da minha vontade/E desfibra letra por letra/ Até encontrar o dom do seu mistério".

A maneira inteiramente familiar, com que ele lida com o surrealismo, como nesta estrofe: "Nas chuvas de janeiro/Uma multidão de anjos/ Invade a terra" — onde, por intensificação da palavra chuva, imediatamente se justapõe a idéia de invasão dos anjos — é bastante sintomática do seu processo de forjar imagens por associações subitâneas e incontroladas pela razão. Também a qualidade oral dessa poesia é um dos seus aspectos mais significativos, que faz de cada uma das peças tomadas de per si, algo de perfeitamente memorizável; pois José Mário Rodrigues é um poeta em cuja dicção, tantas vezes tocante, nós pressentimos a marca, não tão inatural, de um neo-romântico que se compraz em brincar com os amantes gélidos das estruturas sem nenhuma alma latejando dentro delas.

Estando com uma obra ainda em processo de purificação, José Mário Rodrigues é dotado, com efeito, do prestígio de gravar-se com rapidez na mente do leitor que obrigatoriamente não venha a pertencer a um público de poetas... Isso porque os seus motivos, que não foram agressivamente buscados se tornaram, antes mesmo de seu poetar, em motivos do seu próprio existir.

Anselmo Jorge: mais uma contribuição às artes



ANSELMO JORGE DA SILVA AMORIM nasceu em 29 de abril de 1952 na Ilha de Itamaracá, Pernambuco; o terceiro dos quatro filhos de José Ferreira de Amorim e de Catarina da Silva Amorim, também pernambucanos. Começou e concluiu seus estudos primários e secundários em colégios recifenses. Possuindo tendência natural às artes plásticas, em 1969 pintou seu primeiro quadro a óleo sobre tela. Em 1975 participou de curso livre de pintura na Escola de Belas Artes da UFPE, tendo como professor o espanhol Izidro Queralt Pratt. Atualmente é estudante de filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

- Exposições Coletivas das quais tomou parte:
- I Feira Folclórica do Nordeste, 1972 (Recife)
 - Circo Total de Artes, 1972 (Recife)
 - I Festival de Arte e Cultura do Recife, 1974
 - I Salão de Arte Global de Pernambuco, 1974
 - IV Feira Nacional de Gramado, 1975 (R. Grande do Sul)
 - Exposição Coletiva da Escola de Belas Artes da UFPE., 1975 (Recife)
 - Coletiva de Pintores Nordestinos, 1977 (Brasília)

Jovem desenhista revela força para o abstrato



Fernando Guerra é, entre os jovens artistas plásticos de Pernambuco, um dos mais seguros e legítimos desenhistas. O estranhíssimo traço que domina as suas composições, aponta-nos para as sendas oníricas mais insondáveis, com a firmeza de quem pretende fixar as nebulosas, ainda as mais difíceis de se comprimirem sob o comando seguro de sua mão.



Desenho de Marciel

Revolução

Praieira

Já em quinta edição, numa publicação da Editora Universitária, **O Sentido Social da Revolução Praieira**, de Amaro Quintas, vem colocar o nome do historiador entre aqueles que mais se fazem notar pela seriedade do seu trabalho.

Em sua análise da Revolução Praieira — análise por sinal pioneira, não só em Pernambuco, mas em todo o País, já que se trata de um acontecimento normalmente escanteado nas obras de nossa História que já foram escritas — Amaro Quintas que, como salienta o Reitor Paulo Maciel, em seu prefácio à obra, não deixa, ao lado de ser o historiador seguro e forte, de possuir a arte de escrever, assim define o fato histórico que mereceu o seu estudo: "A Praieira foi mais uma resultante deste estado de desequilíbrio econômico-social, dessa insatisfação existente no meio da massa, do que mesmo um movimento provocado por causas meramente políticas". Historiador importantíssimo de Pernambuco, a Editora Universitária tem, com a presente obra, um grande crédito em seu favor.

Nota sobre Eduardo Portella

JARBAS MARANHÃO

Trata-se de uma das mais pujantes afirmações entre os intelectuais brasileiros da nova geração.

Sua formação, ele a deve inicialmente ao Recife, onde, na atmosfera polêmica da Faculdade de Direito, o seu espírito crítico começou o combate, porque é um escritor combatente, participante, e não um simples espectador dos nossos dramas e das nossas lutas.

Seu instrumento de ação é o ensaio: seja o ensaio literário, seja o ensaio político.

Formado em Direito, na Capital pernambucana, especializou-se na Europa, nas Universidades de Paris, Madri e Roma, fazendo cursos de Filosofia, de Problemas Contemporâneos e de Literatura.

Sensível aos problemas estéticos, inclinou-se pela crítica literária e, voltando ao Brasil, dedicou-se definitivamente ao seu exercício.

No velho e austero Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, convidado pelo saudoso San Tiago Dantas, então Diretor do prestigioso e tradicional órgão, foi ocupar a mesma coluna em que estiveram, noutros tempos, José Veríssimo, Araripe Júnior, Medeiros e Albuquerque.

A sua crítica é uma crítica eminentemente estilística, voltada para a razão interna da obra de arte literária, para o que no autor é específico, inerente, inconfundível: o estilo.

Ele se levantou contra a crítica impressionista, então dominante no Brasil, e passou a fazer a crítica com outros critérios, com vistas a uma valorização ontológica da obra literária.

Da qualidade de seu trabalho e das suas virtudes de escritor nos falamos, com bastante eloquência, conceitos emitidos pelas vozes autorizadas de Tristão de Ataíde, Gilberto Freyre e Jorge Amado, por exemplo.

Disse Tristão de Ataíde que Eduardo Portella "é a primeira figura de nossa crítica nesta hora".

Na opinião de Gilberto Freyre,

revela-se nele "um crítico literário com qualidades que raramente se combinam — a inteligência, a sensibilidade, o empenho de compreensão vasta, a preocupação pela palavra justa, o gosto pelo saber sério".

Finalmente, na palavra de Jorge Amado, ele se identifica como um crítico de verdadeira vocação, sério e profundo, equilibrado, cheio de amor pela literatura, e a quem não falta grandeza humana.

Publicou, até agora, quatro livros de apreciável valor: **Dimensões I**, de crítica literária, premiado em 1959 pela Academia Brasileira de Letras e pela Prefeitura do ex-Distrito Federal; **Dimensões II**, continuação de série de estudos críticos; **José de Anchieta**, edurito e elegante ensaio sobre a poesia do Padre Anchieta, como iniciador de nossa história literária. E o último — **África: Colônias e Cúmplices**, que é um vigoroso ensaio político sobre a realidade africana, vinculando-a ao momento brasileiro; corajoso depoimento contra o colonialismo em todas as suas formas e modalidades; vibrante libelo contra os movimentos de segregação racial e a opressão, clara ou dissimulada, por parte de impérios coloniais em fase de desagregação.

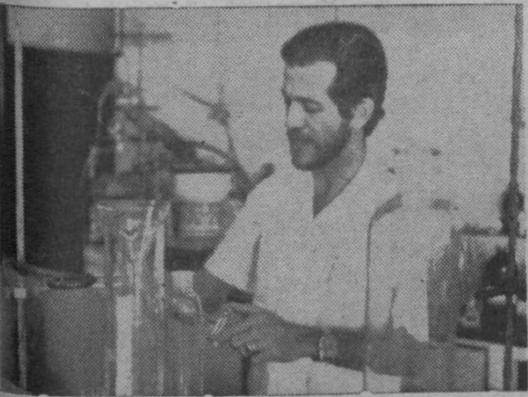
Nesse livro estão contidos todos aqueles princípios que devem orientar a nova caminhada da nossa política externa.

É um trabalho em que o autor mostra, sobretudo, sua face de sociólogo.

Sua concepção do fenômeno cultural como complexo sociológico será elemento valioso nessa tarefa, nova e sedutora, com que o Brasil se lança para uma política exterior resoluta e ativa.

Sem outros compromissos senão com o destino do homem e a causa da cultura, Eduardo Portella é um escritor, e um escritor de sensibilidade política.

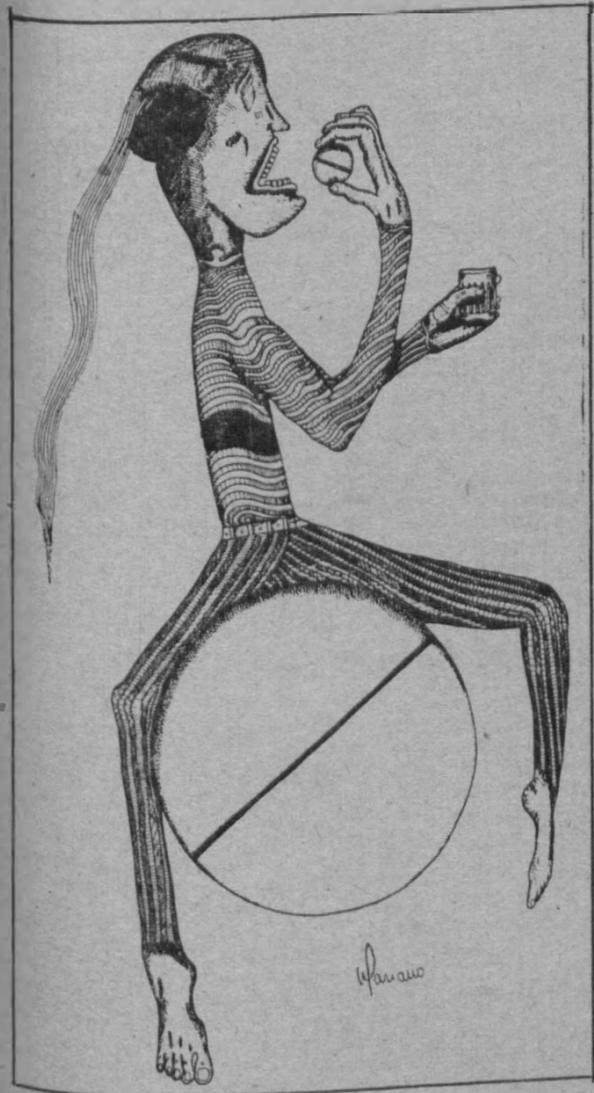
Não é um abstraído do meio e do tempo. É um intelectual comprometido com a sua realidade.



Excetuando as drogas tidas como controladas, qualquer medicamento pode ser comprado nas farmácias sem receituário, sem a prescrição do especialista. Há quem diga que existe um pouco de "médico" em cada brasileiro, talvez pelo hábito de se recomendar esse ou aquele remédio, entre amigos ou vizinhos, para sintomas mais ou menos idênticos.

Pode haver perigo até mesmo na ingestão de uma droga recomendada por médico, em decorrência de efeitos colaterais. Principalmente quando ele ignora ou, se conhece, não tem o cuidado de examinar atentamente o paciente, auscultando-lhe aspectos como taxa de colesterol, circulatórios, etc. Um comprimido para uma simples dor de cabeça, por exemplo, pode acarretar outros problemas no organismo da pessoa.

Os antibióticos estão aí, à disposição de todos, com ou sem prescrição. Se houvesse conscientização quanto aos perigos que eles podem representar, em determinadas circunstâncias, não seriam ingeridos sem a recomendação do especialista. Sobre o problema, o pesquisador José Francisco de Melo, do Instituto de Antibióticos da UFPE, formula opinião, ao mesmo tempo que discorre acerca das atividades daquela unidade de pesquisa.



Antibiótico: progresso da farmacologia na defesa da saúde humana



JU — O antibiótico e sua colocação no contexto das drogas. Como vê?

— Os antibióticos são moléculas singulares com uma ação biológica (relação ecológica) tão espetacular que criaram uma era, assinalada pelos trabalhos de Fleming e Florey, mudando a concepção terapêutica de muitos germes patogênicos.

Os antibióticos já conhecidos, bem como seus derivados e as novas espécies químicas do mesmo grupo, continuarão a ser reclamados para a salvaguarda da saúde humana, considerando as possibilidades de adaptação sempre presente nos seres vivos.

JU — Há necessidade de busca de novos antibióticos?

— É incontestável. Diga-se, por exemplo, que o antibiótico na clínica deve passar por uma fase de resistência por parte do microrganismo em combate; já por este fato, devemos sempre dispor de novos antibióticos para o eficaz combate à resistência adquirida no processo terapêutico.

A especificidade dos antibióticos também pode ser apontada como uma das várias razões dessa necessidade de busca de novos antibióticos e seus derivados químicos.

É justo também pretender uma melhor compreensão das relações existentes entre as estruturas químicas e suas propriedades farmacodinâmicas frente ao organismo afetado, oferecendo campo de sério estudo para os pesquisadores. Enfim, o estudo permanente de produtos naturais e seus derivados, de produtos sintéticos com propriedades terapêuticas, visando encontrar fármacos sempre mais eficazes e poderosos, buscando com modificações estruturais de já reconhecidos agentes terapêuticos, traçando esquemas para uma melhor compreensão do mecanismo de ação dos antibióticos, continuará sendo reclamado para salvaguardar a saúde humana.

JU — Não já seria excessivo o número de antibióticos atualmente em todo o mundo?

— Absolutamente, não. Bastaria reportarmos-nos às palavras anteriores cobrindo a pergunta sobre a necessidade de busca de novos antibióticos. No entanto, lembramos que, infelizmente, muitos males ainda desafiam a dedicação, a tenacidade, a força da busca incessante, da "teimosia" de homens dedicados quase exclusivamente para a descoberta de drogas salvadoras, libertadoras das adversidades que põem a vida humana no jogo permanente da sobrevivência.

Ainda, se o efeito dos números nos causa espécie, poderíamos nos referir à estatística levada a efeito nos EEUU, em 1961, dando conta que de cem mil drogas novas úteis do ponto de vista comercial, apenas 50 compostos puderam ser considerados efetivamente úteis.

JU — Até que ponto pode ser nocivo ao organismo humano?

— A tolerância do organismo humano às drogas também continuará sendo objeto de permanentes observações. Como já nos referimos, é justo pensar em melhor compreender o mecanismo de ação dos antibióticos, determinando-lhes os efeitos colaterais ainda não perceptíveis.

O estudo das manifestações da ação provocada pelos fármacos, de um modo geral, determina os parâmetros indicadores ou desfavoráveis ao uso dos mesmos, e necessariamente, os medicamentos trazem tais especificações.

Resta lembrar que, uma vez, não obedecidas as advertências ou indicações posológicas, o emprego dos antibióticos será nocivo ao organismo humano até mesmo às últimas consequências.

JU — Qual a contribuição brasileira, particularmente de

Pernambuco, na busca de novos antibióticos?

— No cenário nacional e mundial, Pernambuco tem seu lugar de destaque, não apenas na busca de novos antibióticos, mas e principalmente, na descoberta de antibióticos com propriedades antitumorais.

É mesmo digno de nota, de orgulho para o Brasil, a existência, em toda a América Latina, do seu Centro de Pesquisa de Antibióticos, tornando o INSTITUTO DE ANTIBIÓTICOS (atualmente Departamento de Antibióticos), uma conquista de Pernambuco, um "bem" brasileiro, que, considerando seus trabalhos com fins específicos e especializados e os resultados animadores, mereceria das Autoridades constituídas de nosso País, particular interesse, protegendo-o com soberba subvenção, até mesmo excepcional, como o fazem outras Nações para a conquista do "espaço".

É verdade que no Instituto de Antibióticos, em Recife vários antibióticos e antineoplásicos foram isolados pelo Professor Oswaldo Gonçalves de Lima e sua Equipe, alguns já encaminhados ao LAFEPE para a distribuição comercial.

A actinomicina e o lapachol, por exemplo, vêm sendo usados com sucesso frente a tumores sólidos. A primina e a maitenina também oferecem bons resultados em câncer de pele, e ainda a retamicina em leucemias.

No campo da imunoterapia, estão sendo feitos estudos com a vacina BCG, fator de transferência (substância extraída dos linfócitos de indivíduos normais), em pacientes portadores de neoplasias malignas.

Um serviço, em paralelo, a cobaltoterapia, é oferecida no Instituto de Antibióticos, o qual vem dando bons resultados, principalmente no campo das novas observações, como por exemplo, na potencialização quimioterápica associada, utilizando, naturalmente, algumas das drogas acima mencionadas.

SISTEMA EDUCACIONAL PRECISA MUDAR

O Senador João Calmon, presidente da Comissão de Educação, do Senado Federal, afirma que urge mudanças fundamentais, de base, mesmo, em todo o sistema educacional brasileiro. Ele defende a implantação de um programa suprapartidário, espécie de pacto nacional acima dos partidos, mobilizando todos os segmentos da sociedade brasileira para que possamos chegar ao fim deste século com um programa concreto para a solução do problema da Educação.

Falando para os participantes do II Ciclo de Estudos sobre Problemas Atuais, no Recife, sob os auspícios do Projeto Guararapes, abordando o tema "Educação e Desenvolvimento", João Calmon foi incisivo: "Nenhum esforço em favor da Educação pode ficar condicionado à duração dos mandatos dos membros do Poder Executivo e do Poder Legislativo, em virtude do seu curto período de atuação". Um programa educacional, em grande escala, deveria abranger 10, 15, 20 e talvez 30 anos, não se limitando, nem mesmo, aos nossos planos nacionais de desenvolvimento, que cobrem menos de cinco anos.

PRIORIDADE ERRADA

Entende o Senador capixaba que o Brasil está dando uma prioridade errada na área do ensino. Ao invés de darmos prioridade aos oito anos de ensino obrigatório e gratuito de 1.º Grau, de acordo com o que determina a Constituição, temos concentrado nossos esforços no ensino de 3.º Grau (ensino universitário), aumentando de 110 mil para um milhão e 100 mil o número de estudantes, em apenas 12 anos, entre 1964 e 1976, nas Universidades e escolas superiores isoladas dos setores governamentais e privado.

Cita outra agravante: de acordo com a legislação vigente, o ensino superior compete, primordialmente, ao Governo Federal, enquanto o ensino de 1.º Grau cabe aos Estados e Municípios que, em sua maioria são pobres.

Fez ver que a situação do professorado primário é de verdadeira calamidade, no que diz respeito principalmente a condições salariais. A exposição do Senador, bem como seus pontos de vista, são fundamentados em estatísticas, e à luz dos programas e planejamentos que até hoje foram elaborados para a Educação brasileira.

Sociedade: construção de todos

O estabelecimento de uma sociedade estável, que objetive e realize o bem comum, depende de recursos naturais e de posição, mas principalmente da vontade dos integrantes do corpo social e da sua ação para inserir, em suas estruturas nacionais, e promover, no seu funcionamento valores éticos tais como a verdade, a justiça, o amor e a liberdade.

Foi o que afirmou o Professor Gilvando Coelho, abordando o tema "Objetivos Nacionais e Fins do Direito", como conferencista do II Ciclo de Estudos do Projeto Guararapes.

Ele iniciou sua palestra com estas palavras: "Aqui estamos nós, não para pedir que nos ajudem a chorar os mortos, por maior que seja a nossa dor e o respeito pelo sacrifício que fizeram, não para reclamar erros e desmandos, que sempre existiram, por maiores que tenham sido ou sejam os seus efeitos maléficis, mas para vos oferecer ajuda, com a experiência e a alma do educador, que sempre procuramos ser, na tarefa da construção que iniciamos, e que deveréis continuar como futuros dirigentes desta Pátria de que nos orgulhamos, pelo passado glorioso que

Sem estudantes não há renovação

Ao contrário do que muitos pensam, há necessidade de participação dos estudantes na política, "como alternativa capaz de suscitar a renovação dos quadros partidários e de surgimento de novas lideranças. Este é o ponto de vista do Senador e ex-Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, manifestado em conferência sobre o tema "Perspectivas dos Jovens na Política Brasileira", dentro do II Ciclo de Estudos sobre Problemas Atuais, promovido pelo Projeto Guararapes, no Recife.

Afirmou que, "toda despolitização leva ao imobilismo e, conseqüentemente, reforça a posição dos dominantes. Por isso, qualquer curso de análise política, como este promovido pelo Projeto Guararapes, é muito valioso". Tanto maior é a necessidade de participação do jovem na política, quando se sabe que mais de 50 por cento da população brasileira tem menos de 20 anos — lembrou.

CIÊNCIA E ARTE

Entende o Senador paraense, que política é ao mesmo tempo ciência e arte: "A Ciência Política é hoje uma cadeira reconhecida por todas

— Que poder vocal têm milhões de crianças — indagou novamente o senador — para irem às ruas, exigindo melhor qualificação para as professoras, já que nós sabemos que, em virtude do seu salário extremamente modesto, para não dizer ínfimo, 20% das professoras primárias do Brasil, de acordo com os dados oficiais do Governo, que faz o "jogo da verdade", não têm sequer o curso primário completo? Acrescentou: "Essas mesmas estatísticas oficiais, mostradas, várias vezes, na Escola Superior de Guerra, pelo então Ministro Jarbas Passarinho, indicam que 70% das antigas escolas primárias têm apenas uma sala de aula, e quase 50% das professoras não têm diploma de normalistas".

DISTORÇÕES

Insistindo nas distorções do ensino, o presidente da Comissão de Educação do Senado afirmou que apenas 9,7% das crianças matriculadas terminam a escola de 1.º grau. É a situação real nesse setor prioritário da Educação, contra um superdimensionamento do ensino superior. O Brasil tinha, antes de 1964, nas escolas superiores, apenas 110 mil estudantes. Em 1976, estavam matriculados em nossas escolas superiores, oficiais e do setor privado, 1.100 mil estudantes. Um fenômeno típico dos países subdesenvolvidos.

João Calmon defende a tese de que se deve respeitar a Constituição: "O único ensino obrigatório e gratuito é o de 1.º grau. O 2.º grau e o superior devem ser pagos. Quem não puder pagar deve receber bolsas restituíveis".

Terá o Brasil chegado, já, à conclusão de que a Educação deve ser a prioridade um, a prioridade dois e a prioridade três? Terá o Brasil já se conscientizado de que a Educação é o único problema nacional?

Ele pergunta e ele mesmo responde: "Desgraçadamente, ainda não está sendo dada absoluta prioridade à Educação, não é difícil explicar esse fenômeno. Todos nós pertencemos à miserável condição humana: não somos anjos, nem santos. Como seres humanos imperfeitos, temos uma tendência natural para dar preferência aos empreendimentos que garantam dividendos aos seus autores no fim dos mandatos. Portanto, a Inclinação natural é dar prioridade, não a um programa educacional em grande escala, e sim à construção de

recebemos e que deveremos transmitir aos nossos filhos, soberana e cada vez mais desenvolvida".

Para o Professor Gilvando Coelho, a participação dos jovens na vida nacional decorre da sua condição de integrantes do corpo social, que deverá ser iniciada adequadamente na Universidade e reclama um tratamento específico, reconhecendo as características psicológicas da fase de transição em que se encontram para alcançar a maturidade do adulto, pois não se trata de classe social a que devem ser aplicados padrões de adultos".

Observou que a consecução dos objetivos nacionais reclamam um sistema de corresponsabilidade entre governantes e governados nos processos de formação e de execução da vontade nacional, que seja estabelecido na Constituição, como norma super-legal. As normas jurídicas — inclusive as leis devem ser alicerçadas nos valores éticos que estão na sua gênese, promover o bem comum e a paz social e velar para que a ordem jurídica não seja causa de injustiças, de perturbação da ordem pública e de segurança para as pessoas e para as comunidades".

as Universidades; negar a formação política é um absurdo".

Analisou a diferença entre os que olham a política como luta para a conquista do Poder e os que a praticam como esforço para a construção de uma sociedade justa. Invocou o filósofo Aristóteles, segundo o qual, a política envolve todos os homens em geral. "Dessa forma, os apolíticos dão atestado de ignorância" — sublinhou.

Incluiu na sua explanação, o problema do conflito de gerações. Segundo o Senador, tal problema é mais aparente do que real. "Esse conflito não atinge as proporções alarmantes que alguns pretendem ver. Nós somos, de algum modo, condicionados. A minha geração, por exemplo, de mais de 50 anos, foi condicionada pelo símbolo escrito — jornais, livros, panfletos —, enquanto os jovens de hoje o são pelo audiovisual, resultando numa formação diversa.

Lembrou outro aspecto: maior pode se tornar o empecilho quanto a um melhor entendimento entre gerações, quanto maior for a impossibilidade de comunicação da sabedoria. "Os jovens, de um modo geral, não se interessam por História; eles querem fazer História e isso os faz antagonizar com a experiência".

estradas, de pontes, de avenidas, porque todas as iniciativas na área educacional só podem apresentar resultados a médio prazo ou a longo prazo — a prazos que variam entre 15, 20, 25 e às vezes 30 anos".

O presidente da Comissão de Educação da Câmara Alta dá, entretanto, um exemplo clássico na história da humanidade, como suporte do que vem afirmando: "Até 1868, o Japão era um país feudal, ignorado por quase todo mundo. Naquele ano, o imperador Mutsu-Hito, da Dinastia Meiji, decidiu destinar 50% do orçamento à Educação. Poucas décadas depois, o Japão surpreendeu o mundo ao derrotar a poderosa Rússia czarista. Decorreram mais algumas décadas, e o Império do Sol Nascente, já transformado em grande potência, ousou desafiar o colosso norte-americano, atacando a esquadra dos Estados Unidos, em Pearl Harbor".

Reafirmando a precariedade do ensino do 1.º grau, informou que apenas 13% das verbas do Ministério da Educação se destinam a esse setor. As crianças em flor, entre 7 e 14 anos, que ainda não têm o direito de voto e não dispõem de extraordinário poder vocal, são preteridas em favor dos estudantes dos cursos superiores, que absorvem quase 60% das disponibilidades financeiras do MEC. Um fenômeno, que aliás vem de longas datas. O curso primário, o ensino fundamental tem sido, não nos últimos anos, mas há muito tempo, o enfeitadinho, o desprezado e relegado a plano secundário.

Advertiu João Calmon que o ensino, que deveria ser altamente prioritário, o verdadeiro alicerce da Educação, não pode ficar sob a responsabilidade quase exclusiva dos Estados e dos Municípios. O plano mais recente — lembrou — de municipalização do ensino de 1.º grau, não passa de uma quimera. Noventa por cento dos municípios brasileiros, de acordo com estatísticas do IBGE, têm menos de 40 mil habitantes, sem condições, portanto, para se encarregarem de uma tarefa de tão extraordinária importância.

Enquanto, no ensino de 2.º grau, e no ensino superior, avulta a participação do setor privado, que, por sinal tem um alunado mais numeroso do que o das escolas governamentais, é insignificante a contribuição das escolas federais e particulares no antigo ensino primário.

"Urge que nós brasileiros conscientizemo-nos de que a nossa Independência energética completa a Independência econômica que dá suporte à nossa Independência política". A declaração, aparentemente bombástica e pretenciosa, foi proferida pelo engenheiro César Cals de Oliveira Filho, durante sua conferência no ciclo de palestras promovido pelo Projeto Guararapes.

Ele, porém, parecia ter razão, algo considerar logo depois, que "por isto todos os esforços devem ser empregados para nos livrarmos da dependência do petróleo, porque os nossos recursos, até agora conhecidos, se revelam escassos.

ENERGIA SOLAR — Demonstrou, por exemplo, que "o importante é nos fixarmos nos recursos energéticos renováveis. É aproveitarmos a nossa dimensão continental, a existência de grande quantidade de terras agriculturáveis, banhadas por um sol que tem longos períodos de tempo de insolação direta".

Por isso, para o engenheiro César Cals, a energia solar surge como a grande solução para o problema energético brasileiro. Ressaltando, ainda, que "habitamos um país de grande extensão litorânea, com costas sob ventilação constante, temos uma extensa malha fluvial com grandes e pequenos desníveis".

HIDROGÊNIO — Durante o seu pronunciamento, o ex-governador do Ceará anunciou que a Eletrobrás está atenta para a questão do hidrogênio. E explicando esse interesse, disse que "o hidrogênio tem uma posição importante no campo do desenvolvimento energético mundial.

Enriquecer tronco cultural

A influência que vem de fora nem sempre é maléfica na formação cultural de um povo: passa, ao contrário, a ser uma incorporação que nos enriquece, no caso dos brasileiros, desde que seja fortalecido o tronco principal da nossa cultura, que é de origem negra, ibérica e indígena.

Este é o ponto de vista do escritor Ariano Suassuna, exposto para centenas de estudantes, em conferência que proferiu no II Ciclo de Estudos sobre Problemas Atuais, promoção do Projeto Guararapes (entidade civil de natureza cultural e cívica dos estudantes universitários de Pernambuco).

Ariano Suassuna, entre os conferencistas do II Ciclo, foi um caso à parte. Sem fugir à regra,

O Brasil, que é o 9.º país do mundo em número de aparelhos de televisão e o décimo em automóveis, é apresentado pela Unesco, em seu Anuário, abaixo de 79 países em dispêndios públicos com educação, em relação ao Produto Interno Bruto.

"Normalmente — disse o conferencista — nós só pensamos em termos de analfabetos e de alfabetizados. Se, entretanto, dividirmos a população brasileira em quatro grupos encontraremos, de acordo com os critérios do mundo desenvolvido, as seguintes categorias: categoria A: dos analfabetos que não sabem ler, nem escrever, nem contar; categoria B: dos semi-analfabetos, que são aqueles que, de acordo com os técnicos em educação, cursaram apenas três ou quatro anos da antiga escola primária (e eu não saberia como classificar nesse quadro os diplomados do Mobral, que estudam apenas durante cinco meses ou um ano); categoria C: constituída por aqueles que têm seis anos de escola — seriam os funcionalmente analfabetos; e, finalmente, categoria D: constituída por aqueles com mais de sete anos de escolaridade".

PROJETO EDUCAÇÃO

O Presidente da Comissão de Educação do Senado está empenhado na elaboração do chamado Pacto Nacional Suprapartidário em favor da Educação, com vista à execução do Projeto Educação, que já recebeu, por sinal a adesão de várias Assembléias Legislativas Estaduais. Deseja que cada Estado execute, através da iniciativa das respectivas Assembléias Legislativas, seu projeto educacional, nos moldes preconizados pela Comissão de Educação do Senado.

— Precisamos — finalizou — promover uma grande mobilização nestes dois anos, aproveitando a experiência dos homens de extraordinário valor que compõem a Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal, a experiência de ex-ministros da Educação que são senadores; a experiência de outros ministros da Educação que podem dar a sua contribuição e a experiência do presidente e membros do Conselho Federal de Educação — dos conselhos estaduais de educação — para darmos uma contribuição, não ao atual Governo, mas ao Brasil, já que ao atual Governo resta mandato de menos de dois anos.

Energia: opção para independência

"Em vários países — ressaltou —, principalmente Estados Unidos, Japão e Alemanha, a tecnologia do hidrogênio vem consumindo importantes fundos de pesquisa e desenvolvimento".

Destacou que este fato é devido principalmente, a vários itens, que poderiam ser assim resumidos: a) O hidrogênio é um combustível limpo e seguro. O produto da combustão é a água; b) O hidrogênio é o combustível ideal para as células combustíveis, que prometem produzir energia elétrica barata, segura, simples e limpa; é uma forma conveniente de transportar energia. Acima de 1.500 km é mais barato transportar hidrogênio em um gasoduto do que a energia elétrica; É matéria prima para diversos produtos básicos como amônia, metanol e outros álcoois, fertilizantes, produtos farmacêuticos e alimentares; É necessário à fabricação de combustíveis (hidrocarbonetos) artificiais que poderiam reduzir a importância da crise do petróleo sem profundas modificações na estrutura de consumo; e, enfim, pode ser usado para redução direta do minério de ferro, já existindo tecnologia em desenvolvimento e que será operacional na próxima década, reduzindo nossa dependência de carvão siderúrgico importado".

ENERGIA RADIANTE — Falando mais detalhadamente sobre Energia Solar, disse que ela "é entregue à terra em forma de energia radiante e o seu espectro, abstraindo-se da atmosfera e da abstração dos gases nela dissolvidos é bastante semelhante à energia realmente emitida por um corpo negro a 5.600° C".

quando se apresenta de público, antes mesmo de entrar na parte séria da sua palestra, arrancou gargalhadas da numerosa platéia, contando histórias e fatos engraçados.

Ao afirmar que ninguém deve substituir os valores culturais, Suassuna chamou a atenção para o fato de que se deve formar um consenso (povo e governo), com vistas ao fortalecimento do tronco principal da nossa cultura.

Citou como exemplo o que aconteceu com o povo judeu — o caso único na história —, que manteve a sua identidade nacional, embora sem uma base territorial e baseado unicamente nos valores culturais, religiosos e morais de um livro que foi o Velho Testamento.

Bonn (INB). Durante uma recepção oferecida, há pouco, aos participantes alemães dos Jogos Olímpicos dos Mutilados e Defeituosos, realizada em Toronto (Canadá), a senhora Annemarie Renger, presidente do Parlamento Federal alemão, declarou que os defeituosos não são marginalizados na Alemanha Ocidental. O esporte de defeituosos não era uma mistura de ocupação durante o tempo livre com uma movimentação esportiva, mas significava, isso sim, competição, treinamento planejado e esgotamento

das capacidades individuais até os seus limites. O fato de que 11 cegos, 18 amputados e 65 pessoas presas a cadeiras de rodas conquistaram 104 medalhas de ouro, prata e bronze demonstra claramente o alto grau em que se deve ter o esporte dos defeituosos na Alemanha Ocidental. A equipe alemã dos Jogos Olímpicos em Montreal, três vezes mais numerosa, não pôde conquistar nem a metade das medalhas conquistadas pelos esportistas defeituosos



De omissões, brigas e outras asneiras vive o nosso futebol

Os exemplos positivos do comandante nem sempre são seguidos pelos comandados. Mas quando o comandante claudica, aí sim, os comandados não hesitam, se contagiam facilmente e seguem os seus passos; então os maus ventos sopram o ambiente e a nau tende, irremediavelmente, ao naufrágio. É mais ou menos o que vem ocorrendo nos bastidores do futebol profissional de Pernambuco.

Como se a involução, em termos de estruturação, quer dos clubes, quer da própria Federação, não bastasse, os dirigentes continuam se digladiando, se omitindo, uns, por ignorância, outros, por negligência, covardia ou simplesmente porque assumem determinados cargos pensando tão-somente em defender interesses próprios, nem sempre confessáveis. As vaidades pessoais, outra faceta perniciososa que também se faz presente nessa embarcação clandestina, sem rumo certo.

Dirigentes da Federação, que é o comando máximo dos nossos desportos, incluem-se também na problemática, e por várias vezes, omitem-se nas horas

mais difíceis, quando há indício ou crise formada, sem qualquer perspectiva de entendimento, pelo menos imediatamente. Recorde-se, por exemplo, a "briga da cheia", quando o clássico Sport e Santa Cruz teve de ser adiado. O presidente da FPF, se por coincidência ou não na hora do pega, não teve dúvida: arrumou as malas e se mandou.

Aliás, é voz frequente: o presidente da FPF está sempre de viagem marcada, todas as vezes que se forma uma crise no futebol pernambucano. Pode ser mera coincidência... Se coincidência ou não, o fato contribui, efetivamente, para agravar mais as questões, posto que, ao líder cabe o papel de resolver, quando nada, conciliar as partes, objetivando a vitória de todos, que é a vitória do próprio futebol.

O fato é que as omissões, partam de onde partir, a nada conduzem, muito pelo contrário, servem para inflamar os problemas por mais simples que pareçam, as questiúnculas assumem caráter de irreversibilidade, ficam crônicos, insolúveis, e os reflexos desabam como

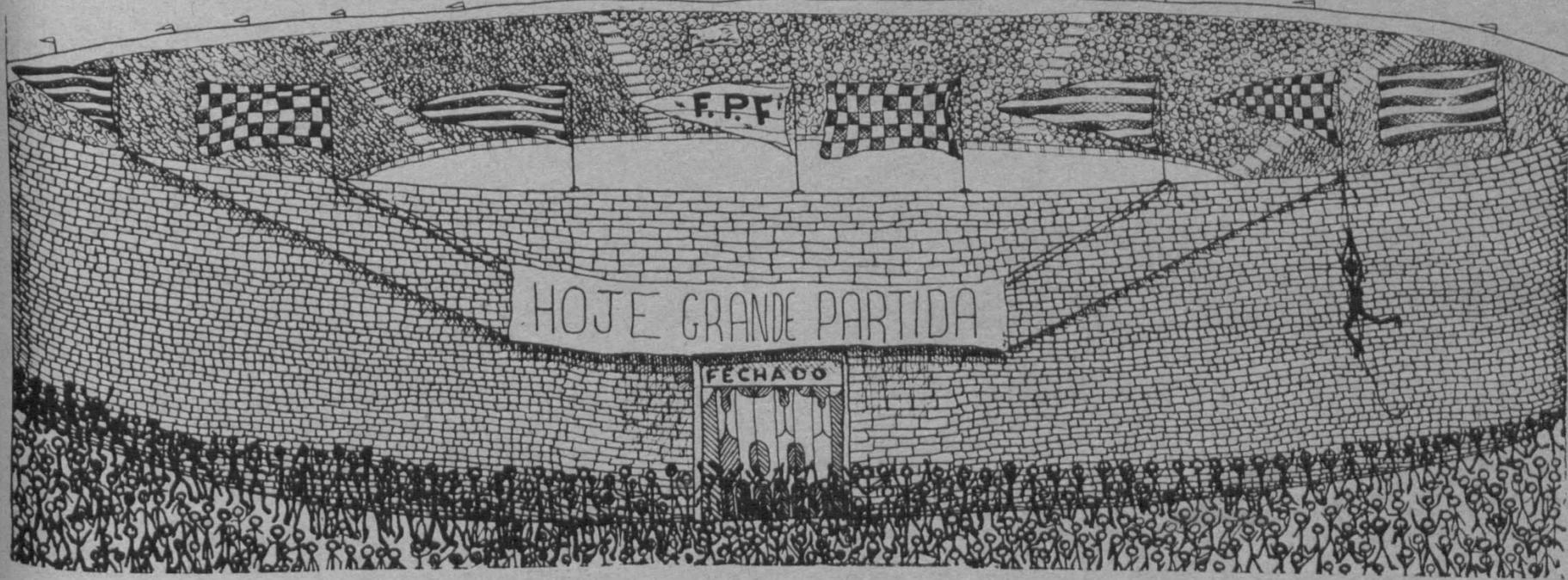
chuva de pedra sobre a cabeça do menos culpado, do indefeso, daquele que é a razão de ser do próprio futebol: o sempre massacrado torcedor.

Lembraríamos, aqui, apenas dois acontecimentos recentes, que bem ilustram tais assertivas. Primeiro, foi a briga da cheia, que culminou com a fuga do Sr. Rubem Moreira, mais uma vez transferindo a responsabilidade de comandar o barco, em águas turvas, quando a tempestade se abatia, ao seu substituto imediato. Jogo adiado, briga feita. Foi um pega dali, pega de lá, disse e não disse. Uma verdadeira feijoada de ataques e pontos de vista os mais contraditórios em torno da mesma causa. Denúncia de suborno, inclusive, veio à baila. Tudo ao sabor da cheia: um lençol de lama a cobrir e descobrir, ao mesmo tempo, as cabeças "iluminadas" dos dirigentes do futebol pernambucano.

O outro, não menos lamentável, ocorreu por ocasião do jogo entre Santa Cruz e Náutico, na amena tarde do dia 15 de maio. Caso de polícia, mesmo. A

FPF vende ingressos a mais da capacidade do estádio, segundo os seus próprios cálculos, e não tem a menor dúvida: fecha os portões na cara do sofrido torcedor, e este, sem ter para quem apelar, não encontra alternativa que não rasgar o ingresso, ou guardá-lo, como triste recordação, notadamente os que pela primeira vez foram a um jogo de futebol em Pernambuco (e foram muitos). Bradaram os homens de Imprensa, sensibilizados diante do impasse: — É crime contra a economia popular.

Mas o tempo, como sempre, encarrega-se de esfriar os ânimos e tudo volta para o que era: começa tudo de novo, com os mesmos princípios, idéias, conceitos e preconceitos. E o torcedor, que gosta do futebol, muito mais das cores de sua predileção, chova ou faça sol, bota a bandeirinha de baixo do braço (quando seu time perde, é claro), ou ergue-a (em caso de vitória), desembolsa vinte ou trinta cruzeiros por cada jogo (geralmente com sacrifício orçamentário), e sacode a poeira por cima: mesmo tratado como lixo, como coisa, é o sustentáculo e a principal razão de ser do nosso futebol.



Brasil no Mundial da Argentina: uma incógnita

A Argentina será palco, dentro de mais um ano, de mais uma Copa do Mundo. A última, realizada na República Federal da Alemanha, revelou, pelo menos, duas extraordinárias surpresas: as seleções da Holanda e da Polônia. Esses dois times, formados por jovens e competitivos jogadores, compuseram um quadro alentador em meio ao melancólico espetáculo apresentado pelas outras equipes. Presume-se, evidentemente, que em 1978 outras

surpresas despontarão. E os mais abalizados comentaristas são de opinião que semelhante surpresa será proporcionada pela seleção da Tchecoslováquia — um time que, há muito tempo, vem derrotando as mais aguerridas seleções europeias.

Mas, e o time argentino? Afinal de contas, o dono da casa sempre é bem cotado na bolsa de apostas. Contudo, sabe-se que o futebol da América do Sul

não vem reeditando os seus melhores momentos, o que, no mínimo, deixa dúvidas quanto a uma melhor colocação por parte de argentinos e brasileiros — estes últimos de qualquer maneira, ainda terão que enfrentar bolivianos e peruanos, mas são considerados favoritos absolutos. A incompetência dos futebolistas sul-americanos tem sido tão notória que os outros poderosos uruguaios foram desclassificados pelos insignificantes bolivianos.

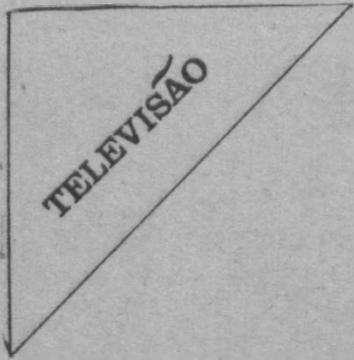
Enfim, a próxima Copa do Mundo deverá ser, antes de mais nada, mais um rendoso negócio do que propriamente uma exibição de alto virtuosismo técnico. Já fora assim em 1974. A monumental festa de abertura culminou, na ocasião, com uma mediocre partida entre as seleções do Brasil e da Iugoslávia — na qual os brasileiros, comandados pelo técnico Zagalo, não mostraram sequer um mínimo do futebol apresenta-

do no México, quatro anos antes.

Os brasileiros, com boas doses de razão, indagam-se com relação ao futuro comportamento de sua seleção. Repetirá o selecionado nacional brasileiro a péssima performance demonstrado na Alemanha? As perspectivas não são lá tão promissoras, o público não está esquecido da primeira fase eliminatória, quando o time de Rivelino passou a duras penas pelos

apenas esforçados paraguaios e colombianos.

Ou, pelo contrário, será decisiva, desta vez, a tão decantada categoria técnica dos futebolistas brasileiros? É bom lembrar que, preparando-se para o Mundial de 1970, no México, a seleção brasileira encheu de pessimismo a gregos e troianos, mas, em seguida, maravilhou o mundo com um futebol soberbo. Esperamos, assim, que se repita o grande feito de 1970.



JOSÉ CARLOS TARGINO

Clássicos através do vídeo



Quem foi que disse que não vale a pena ver filmes na TV? Vale, sim. De que maneira assistiríamos aos filmes que, devido à idade ou a uma outra contingência qualquer, dificilmente voltam aos cinemas? Na verdade, o Cidadão Kane que passa na TV nunca proporciona prazer igual ao que passa numa sala de cinema. E as razões são óbvias: a "tela" de um aparelho de televisão possui diminutas dimensões, a dublagem é infame, os comerciais, apresentados de instante a instante, cansam a paciência das pessoas, uma película colorida é vista em preto e branco (pois a maioria da população não dispõe

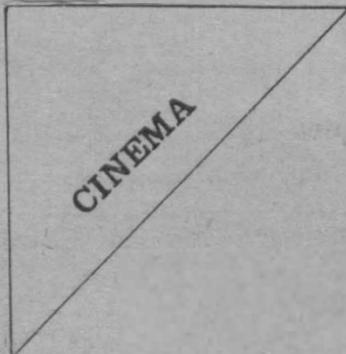
de televisão a cores), e assim por diante.

Mas há vantagens. Uma delas, por exemplo: cinema é um divertimento cada vez mais caro (no Recife, mais barato do que no Rio e em São Paulo, quem quiser assistir ao último Fellini terá de desembolsar 14 cruzeiros), mas, tendo em casa um aparelho de televisão, a pessoa assiste a quantos filmes desejar, durante uns oito ou mais anos, sem pagar um centavo. E tem mais: sem sair de sua casa. Ora, eu não sou comodista, tampouco recomendo que as pessoas o sejam, mas é muito melhor ficar

em casa, confortavelmente instalado e regamente atendido, assistindo a *Morangos Silvestres* — ou coisa que o valha —, do que enfrentar o trânsito e pagar 14 cruzeiros para ver uma produção hollywoodiana de segunda importância.

Foi através da televisão, e não do cinema, que conheci alguns filmes de capital importância na filmografia de certos diretores. Filmes como, por exemplo, *Rastros de Ódio*, de John Ford, *A Beira do Abismo*, de Howard Hawks, *Relíquia Macabra*, de John Houston, *As Diabólicas*, de Henri Georges Clouzot.

Nunca consegui entender a compra, por parte do Brasil, dos famigerados enlatados americanos. Compra, aliás, muito cara para um país cuja dívida externa tem sido motivo de justificadas preocupações. E, ainda por cima, há o desprazer de verificar que esses filmes, geralmente de má qualidade artística, nada ensinam, nem divertem. E todos são exibidos antes das 24 horas, mas meia-noite é o horário obrigatório para o telespectador que quiser ver um filme realmente bom. Por que *Kojak* às 22 horas, e John Houston às 24? É difícil entender.



Rede de Intrigas:

coices contra o Sistema

Sidney Lumet realizou seu primeiro filme, *Doze Homens e Uma Sentença*, em 1957. Antes, porém, dirigira peças no teatro e na televisão. Assim, conhece de perto o mecanismo que, impiedosa e desumanamente, move esse universo de marionetes chamado *show business*. Há quem o considere um dos mais hábeis diretores de atores do cinema norte-americano. E é verdade (vide, por exemplo, a esfuziante performance interpretativa que arrancou de Al Pacino em *Um Dia de Cão*). Mas há quem prefira opor a Lumet uma qualidade bem menos elogiável, ou seja, a de um mero filador de idéias alheias (tais críticos não vêem muita diferença

entre *Um Dia de Cão* e *A Montanha dos Sete Abutres*, de Billy Wilder).

As fofocas em torno de Lumet são muitas, e uma delas é alimentada justamente com relação ao último e retumbante sucesso do diretor: *Rede de Intrigas* (título original: *Network*). É que o filme passa por ser apenas uma versão atualizada de *Um Rosto na Multidão*, realizado há quase vinte anos por Elia Kazan. O que não impediu a crítica norte-americana de considerá-lo a mais contundente diatribe contra a TV desde a sua invenção.

Alguém está lembrado de *Um Rosto na Multidão*? Eu o vi na televi-

são, não faz muito tempo, e concordo com as acusações. O filme de Lumet não chega a ser a maravilha que muitos apregoam. Há uma certa demagogia e outro tanto de histerismo em *Rede de Intrigas*, mas o grande público, geralmente desinformado, engole com facilidade toda aquela enxurrada de coices contra o Sistema.

É bastante provável que um noticiário de TV fique louco em face das notícias desagradáveis que, noites a fio, é obrigado a ler diante das câmeras. Sabe-se que o mundo não é flor que se cheire, e, portanto, uma pessoa de sensibilidade pode não suportar a pressão. Estou a imagi-

nar Cid Moreira... Não, não, felizmente, para ele, a TV Globo não costuma medir o real alcance das "fatalidades". Mas a piração de Howard Beale (Peter Finch) não merece credibilidade. Nenhum locutor de TV procede de maneira tão espalhafatosa. Tampouco os chefões de uma emissora capitalizariam semelhantes loucuras com tão pouca sutileza. Lumet fracassou ao revestir Beale de traços ingenuamente caricaturais. Mas Max Schumacher (William Holden), o diretor da Divisão de Jornais, e Diane Christenson (Faye Dunaway), a chefe de programação, são tipos humanos altamente convincentes.

Diane é um pobre

ser humano cujo único mérito consiste no fato de saber que o seu entusiasmo por programas malucos, mas rentáveis, não passa de um equívoco. Mas é justamente Max, seu amante, que se esforça por mostrar a ela este lado da questão. Max, demitido pelos chefões, contenta-se em esquecer suas memórias.

A televisão merecia crítica mais séria. Mas, de qualquer maneira, *Rede de Intrigas* satisfaz a atual tendência vigente entre os norte-americanos pós-Vietnam/*Watergate*, qual seja, a de mostrar a todos que, a partir de agora, eles não mais cometerão os erros que os incompatibilizaram com boa parte do mundo.

Folclore

ANGELA DELOUCHE

"Como língua é um fenômeno vivo, exceto quando desaparecem os povos que a falavam ou a usavam, também é o folclore, expressão de idéias, de pensamento, de espírito criador de um povo".

M. Diégues Junior

SÃO JOÃO: nada mudou

Acorda povo

Estuda-se o folclore por ciclos — o que, didaticamente é muito cômodo — assim temos o ciclo natalino, o quaresmal, o junino, contudo todos marcados por aspectos populares que os distinguem e caracterizam.

O Ciclo Junino

Costuma-se dar início a este ciclo do mês de junho a partir do dia de Santo Antônio, Santo muito querido das mulheres que lhe conferiram a virtude de propiciar casamentos. Essa liderança de doce protetor das jovens casamenteiras, no dizer do escritor Fernando Pio (I), vem se mantendo inalterável no correr dos séculos. Segundo o mesmo autor a primeira notícia que nos chega de Santo Antônio em terras do Brasil, data de 1595. Naquele ano saiu da França uma armada de 12 velas, comandada e equipada por calvinistas em direção ao Brasil, antes, porém, resolveram atacar a fortaleza de Arguim, pertencente aos portugueses onde fizeram vários estragos, trazendo entre os lucros, por escárnio, uma imagem de Santo Antônio. Essa esquadra foi desbaratada por grande tempestade. A nau capitânia em que vinha a imagem, foi ter a Sergipe del Rei. Nos momentos da tempestade eles lançaram a imagem ao mar após vários golpes de espada e qual não foi a surpresa dos presos transportados do Sergipe para a Bahia de Todos os Santos, ao depararem com a imagem, de pé, na

praia de Itapoam. Esta imagem evidentemente colocada na igreja do Convento dos Franciscanos na Bahia era festejada todos os anos com solene procissão. Referência de Santo Antônio no Recife, data de 13 de setembro de 1685.

O dia de Santo Antônio é celebrado a 13 de junho, mas a estrela maior do ciclo junino é, incontestavelmente São João.

(1) Pio dos Santos, Fernando S. Antônio na Milícia e no Folclore publicado no n.º maio/agosto da Revista Pernambucana de Folclore, 1976.

São João

Muita gente se pergunta porque se faz fogueiras nos festejos a São João. Relata a tradição que estando Santa Isabel grávida e também Maria Santíssima, sendo as duas primas e morando em morros distantes, combinaram que a criança que nascesse primeiro seria anunciada por uma enorme fogueira à frente da casa. Assim quando nasceu S. João, foi o fato comunicado à Maria por este meio.

O povo adora S. João por isso ao lado das fogueiras, dos milhos assados nas brasas há uma enorme quantidade de fogos, desde os ino-

centes traques de sala aos "peidos de velha", entremeados de rodinhas de fogo, foguetes, chuvas de estrelas que fazem as delícias das crianças.

A culinária junina

Um dos capítulos de nossas tradições juninas que permanecem é o da culinária. Continuamos com as comidas de milho verde: cangicas, pamonhas, bolos e os milhos cozidos. Famílias há que possuem fórmulas (mágicas) de manúes, ciosamente guardadas e outros quitutes de milho. Seria este um assunto de minhas preferências, recolher essas receitas que passaram de avós a filhas e netas pois as netas, acham muito mais fácil comprar bolos de confeitarias ou recorrer aos de fórmulas já preparadas, fugindo totalmente ao complicado preparo dos pratos de milho verde.

São Pedro

O dia de São Pedro fecha o ciclo junino. Os festejos são os mesmos de setor da culinária, mas os fogos são as sobras do dia de São João. Há menos alarde, menor animação.

Assim vai o dia de São Pedro esmorecendo, quase esquecido mesmo dos meninos. Nenhuma folgança popular o sustentaria, folcloricamente falando é dia morto.

No Ceará é diferente

Na rua da Regeneração no Arruda, aqui no Recife, sai todos os anos na véspera e no dia de S. João "talvez a derradeira procissão religiosa do Brasil, onde, com a presença do povo, ainda se dança", informa-nos o folclorista Evandro Rabelo.

É a procissão da Bandeira de São João, também chamada de Acorda Povo, Procissão do Galo, Banho de São João. Evandro Rabelo explica que alguns fazem distinção entre Bandeira de São João e Acorda Povo. Dizem que Bandeira é o cortejo religioso que com orquestra ou instrumentos de percussão percorre, nas primeiras horas da noite, as ruas do bairro, "levando uma bandeira de pano, estrela e andor, enquanto que o Acorda Povo sai pela madrugada, um tanto desorganizado, com zabumba, caracaxá e sem levar andor. Outros acham que Bandeira de São João e Acorda Povo, são a mesma coisa mudando apenas o nome".

Fui informada por amiga cearense que na madrugada da noite de São João, a classe abastada, sai em seus carros buzinando insistentemente, acordando os conhecidos que se vêm obrigados a engrossar o cortejo, retirando da garagem os seus carros e lá se vão até o dia amanhecer. Bebidas e quitutes são servidos em residências onde os moradores são adeptos desses ruidosos festejos em homenagem ao senhor São João.

Os versinhos celebres

Acordai, acordai,
Acordai, João.
São João está dormindo
Não acorda, não!

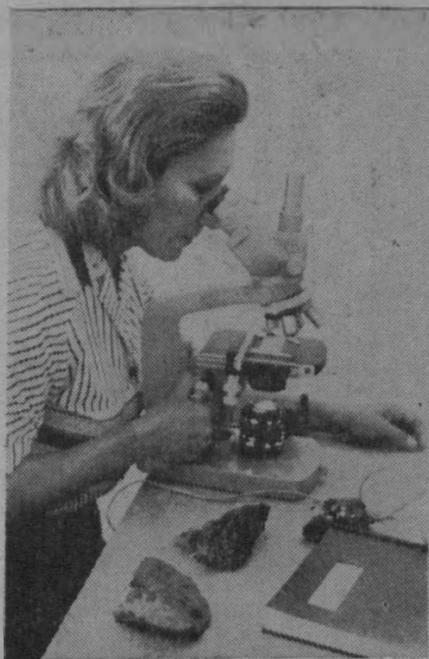
Capelinha de melão
É de São João
É de cravo, é de rosa
É de manjerição!

Trabalho de longo alcance didático, utilizável principalmente por estudantes, e pesquisadores, acaba de ser realizado pela Professora Maria Auxiliadora de Queiroz Cavalcanti, sob o título "Introdução ao Conhecimento dos Basidiomicetos Poliporóides da Zona da Mata de Pernambuco". Trata-se de uma tese apresentada para o concurso de Livre Docência na disciplina de Micologia do Departamento de Micologia do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco.

A autora colheu o material de pesquisa na Zona da Mata de Pernambuco, tendo desenvolvido a parte da tese no Instituto de Botânica da Coordenadoria da Pesquisa de Recursos Naturais da Secretaria da Agricultura de São Paulo, sob a orientação do Professor Oswaldo Fidalgo. Foi no período de 1973 a 1976 que a Professora Maria Auxiliadora realizou esse trabalho, que "tem por finalidade contribuir para o melhor conhecimento da micota de Pernambuco, através do estudo dos fungos poliporóides que ocorrem com maior frequência na Zona da Mata".

COLETAS

Na apresentação da tese, a autora revela: "As áreas escolhidas para o reconhecimento desses macromicetos eram até o presente quase completamente inexploradas. Os esparsos trabalhos existentes para Pernambuco, em número de apenas seis, datam de décadas passadas. Tavares e Batista, ilustraram algumas espécies poliporóides; Melo, Singer e Batista e Bezerra descreveram algumas espécies poliporáceas, mas em trabalhos com diferentes grupos taxinômicos, e incluem também coletas de outros Estados.



Sendo as frutificações desses fungos — acrescenta — das mais fáceis de serem encontradas na natureza, tanto pelo seu aspecto como pelas suas dimensões macroscópicas, são sempre motivo da curiosidade dos Professores e estudantes de Ciências Biológicas. Estes, ressentem-se de fonte bibliográfica local referente a este grupo fúngico, com apresentação acessível, ilustrações, e com chaves, genéricas e específicas, que favoreçam a correta identificação das espécies.

É necessário salientar-se que, as poliporáceas são consideradas de grande importância econômica, visto que muitas de suas espécies são destruidoras de madeira.

A Professora Maria Auxiliadora, num trabalho de 200 páginas, estuda vários aspectos, catalogando todos os tipos de fungos, ao tempo em que

FUNGOS: agora sob visão didática ao alcance de todos

oferece uma revisão histórica para Pernambuco, importância econômica, aspectos ecológicos, além da literatura universal da família dos fungos. Na Zona da Mata de Pernambuco, a autora coletou nada menos de 40 espécies de basidiomicetos poliporóides representativas de 18 gêneros.

Quanto à importância econômica dos fungos, destaca a família Polyporaceae, por ser constituída de espécies destruidoras de madeira, relevância que é devidamente reconhecida dada a multiplicidade de aplicações das madeiras em vários aspectos da atividade humana. Das espécies conhecidas como destruidoras da madeira, cerca de 75% pertencem a essa família.

Nos Estados Unidos, há grande perda de reservas florestais, e em consequência, prejuízo comercial, motivada por esse grupo de fungos. Outros prejuízos causados pelos poliporáceos podem ser citados, tais como: o ataque a postes telegráficos e de telefones, a cercas, a suportes de pontes, reservas de madeira em armazéns e nos campos, e a dormentes de estradas de ferro que periodicamente são substituídos devido, principalmente, à destruição ocasionada por estes macromicetos.

O mecanismo dessa destruição — revela a autora da tese — é feito através do micélio que se desenvolve

endogenamente e não estaciona, destruindo as paredes celulares da madeira, transformando-as em alimento por meio de enzima produzida pelo fungo. A medida que essa destruição progride, torna-se mais fácil, o ataque pelos insetos e outros animais, ficando a madeira brocada".

FAVORABILIDADE

Do total de 40 espécies e de 275 exsiccatas coletadas na Zona da Mata de Pernambuco, confirmando a expectativa, encontrou-se maior número de espécies (37) e de coleções (202) em áreas de mata úmida, demonstrando que as condições ecológicas do tipo de vegetação em questão favorece o desenvolvimento desses macromicetos. Em área de mata seca foram achadas 21 espécies e 36 coleções e em mata serrada 14 e 37, respectivamente.

Revela, ainda, que pela primeira vez são referidas para Pernambuco dez gêneros e 21 espécies. Para cada espécie são apresentados: nome e sinônimos com indicação da literatura básica pertinente; sempre que possível, o tipo e a localidade tipo; basônimo; descrição dos caracteres macro e microscópicos; relação das exsiccatas examinadas, com indicação de área de coleta, coletor, data e número de herbário; distribuição geográfica e discussão. Uma nova combinação foi proposta.

Do sagüi ao museu, a incrível história de um empalhador



AQUI SE CONTA A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UM HOMEM DETERMINADO EM BUSCA DE SUA PERFEIÇÃO. SEU PERSONAGEM PRINCIPAL É PETRÔNIO MACHADO CAVALCANTI, CIDADÃO BRASILEIRO, PARAIBANO. A PARTIR DE UM POBRE E ESPICHADO SAGÜI ELE COMEÇOU A CONSTRUIR O SEU MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS, E QUE CONTA COM 1.300 ANIMAIS. QUALQUER SEMELHANÇA COM PERSONAGENS E LOCAIS É COINCIDÊNCIA MESMO.

1a. Cena

Cenário: Campina Grande, Paraíba. **Cena:** loja de "seu" Petrônio. **Data:** abril de 1958. **Personagens:** "seu" Petrônio e um sagüi. **Participação especial:** povo e crianças.



(Entre os estusiasmados visitantes, aparece um Caçador, trazendo um Caracará feio, penas velhas, sem grande atração. Entra na loja.)

CAÇADOR — Bem dia, "seu" Petrônio. Olhe, apanhei esse bicho lá no mato e resolvi lhe presentear.

PETRÔNIO — Não, não, não, não está vivo, não, homem. Foi um processo aí que "seu" Petrônio tentou pra ele ficar vivo, mas não vale.

CAÇADOR — Não, não, não, não está vivo, não, homem. Foi um processo aí que "seu" Petrônio tentou pra ele ficar vivo, mas não vale.

PETRÔNIO — Não, não, não, não está vivo, não, homem. Foi um processo aí que "seu" Petrônio tentou pra ele ficar vivo, mas não vale.

2a. Cena

Cenário: Recife, Pernambuco. **Cena:** Empetur e Horto de Dois Irmãos. **Data:** 1973 e 1977. **Personagens:** "Seu" Petrônio e Sagüis.

PETRÔNIO — (No Gabinete do Presidente da Empresa Pernambucana de Turismo.) — Bem dia, senhor. Eu sou o responsável, com muita honra, aliás, mantenho um Museu de Ciências Naturais, com mais de mil peças e gostaria de saber se a Empetur tem interesse de implantar no Horto de Dois Irmãos, um Museu de Sagüis. "Seu" Petrônio sabe de tudo sobre os animais e gostaria de saber se a Empetur gostaria de comprar as peças do meu...

PRESIDENTE — Bem, vamos estudar a sua proposta e dentro de dois ou três dias o senhor aparece para receber uma resposta.

(Dois dias depois, "seu" Petrônio volta ao Gabinete do presidente da Empetur.)

PETRÔNIO — Bem dia, presidente, alguma novidade?

PRESIDENTE — Sim, senhor, por favor já temos uma definição a respeito do seu problema. Não podemos lhe dar uma resposta definitiva, mas vamos estudar a sua proposta e dentro de dois ou três dias o senhor aparece para receber uma resposta.



recadado na entrada será seu. Há ainda uma novidade: o preço que cobraremos é a Empetur.

PETRÔNIO — Bem dia, senhor, por favor já temos uma definição a respeito do seu problema. Não podemos lhe dar uma resposta definitiva, mas vamos estudar a sua proposta e dentro de dois ou três dias o senhor aparece para receber uma resposta.

PRESIDENTE — Só vai demorar de 10 a 15 dias porque no local funcionava um bar e que não dá para tirar o bar. É necessário, inclusive, que o senhor esteja sempre por lá para adaptar os equipamentos necessários.

PETRÔNIO — Faremos uma inauguração festiva?

PRESIDENTE — Não, não, não é necessário. Faremos uma inauguração simples, só para os funcionários e a família. Não vamos fazer nenhuma comemoração. Só para que os funcionários tenham uma visita.

(Durante 15 dias, "seu" Petrônio espera pela conclusão das reformas. No primeiro dia se encontra com os funcionários e os filhos; vai também para o campo para recolher os animais e montar o Museu.)

PETRÔNIO — Até hoje recebi milhares de visitantes aqui. Muitos visitantes trazem alguns para serem empalhados. Tenho um Museu de Sagüis na Empresa Pernambucana de Turismo, o que me dá um grande círculo de visitas e também um monte de dinheiro. Não tenho dinheiro para que possa fazer um Museu de Sagüis, mas tenho um Museu de Sagüis que os visitantes correm atrás de mim.

